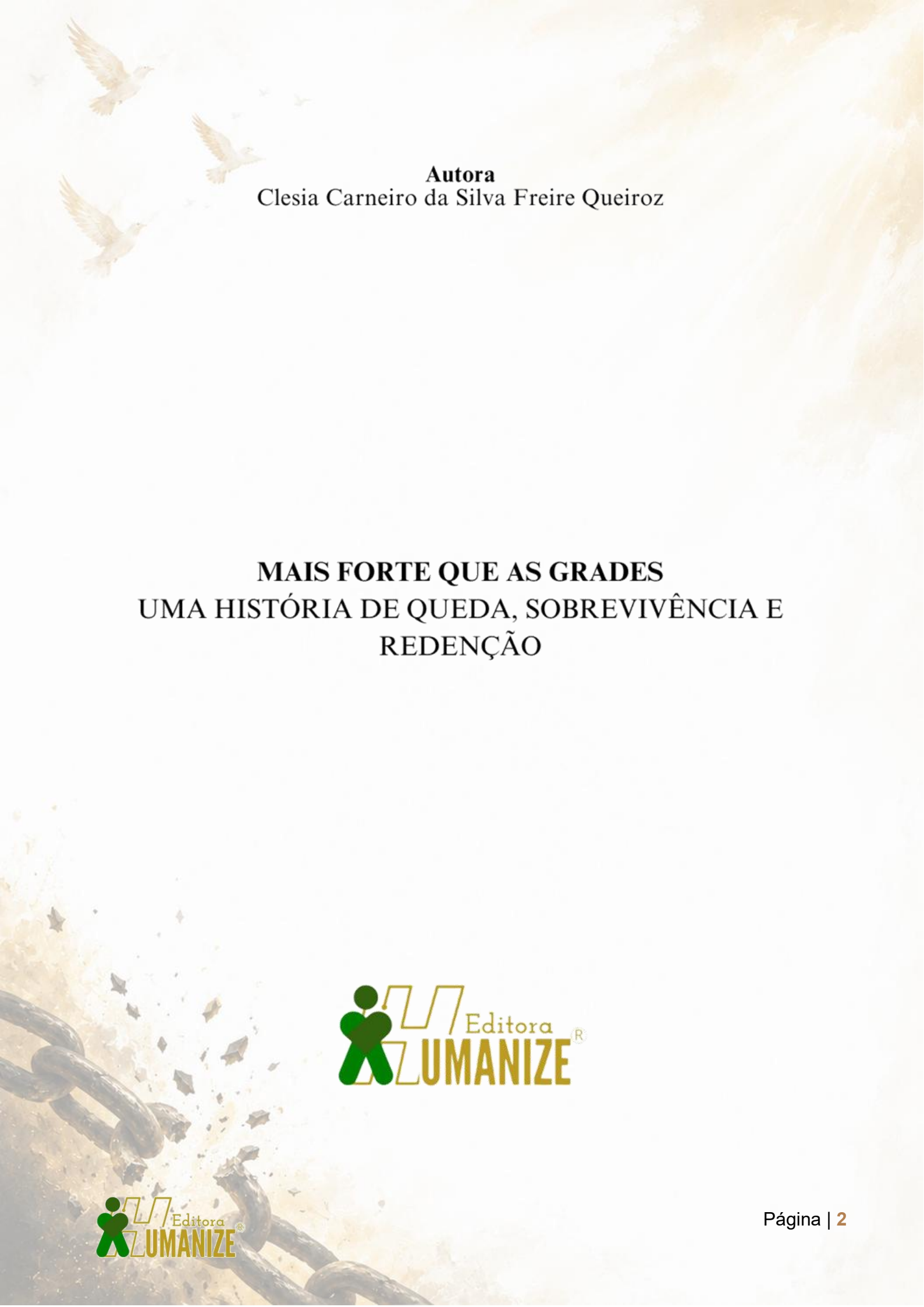




MAIS FORTE QUE AS GRADES

UMA HISTÓRIA DE QUEDA,
SOBREVIVÊNCIA E REDENÇÃO

CLESIA CARNEIRO DA SILVA FREIRE QUEIROZ



Autora
Clesia Carneiro da Silva Freire Queiroz

MAIS FORTE QUE AS GRADES
UMA HISTÓRIA DE QUEDA, SOBREVIVÊNCIA E
REDENÇÃO



Copyright © Editora Humanize
Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei 5.988/73 e Lei 9.61/98)

Autor

Clesia Carneiro da Silva Freire Queiroz

Editora Responsável

Editora Humanize

Revisão Editorial, Normalização e Catalogação

Equipe Técnica da Editora Humanize

Projeto Gráfico e Diagramação

Equipe de Design Editorial da Editora Humanize

Publicação

Editora Humanize

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(Editora Humanize, BA, Salvador)**

Q3m
MG35688 QUEIROZ, Clesia Carneiro Da Silva Freire.

Mais Forte que as Grades: uma história de queda, sobrevivência e redenção - 1ªed. Bahia /
BA: Editora Humanize, 2026.

1 livro digital; ed. I; il.

ISBN: 978-65-5255-222-8

CDD 869.93

CDU 821.134.3(81)-31

1. Ficção brasileira. 2. Sistema prisional. 3. Ressocialização. 4. Redenção. 5. Superação.

I. Título

1. Ficção brasileira - CDD 869.93

2. Literatura brasileira em língua portuguesa - CDU 821.134.3(81)-31

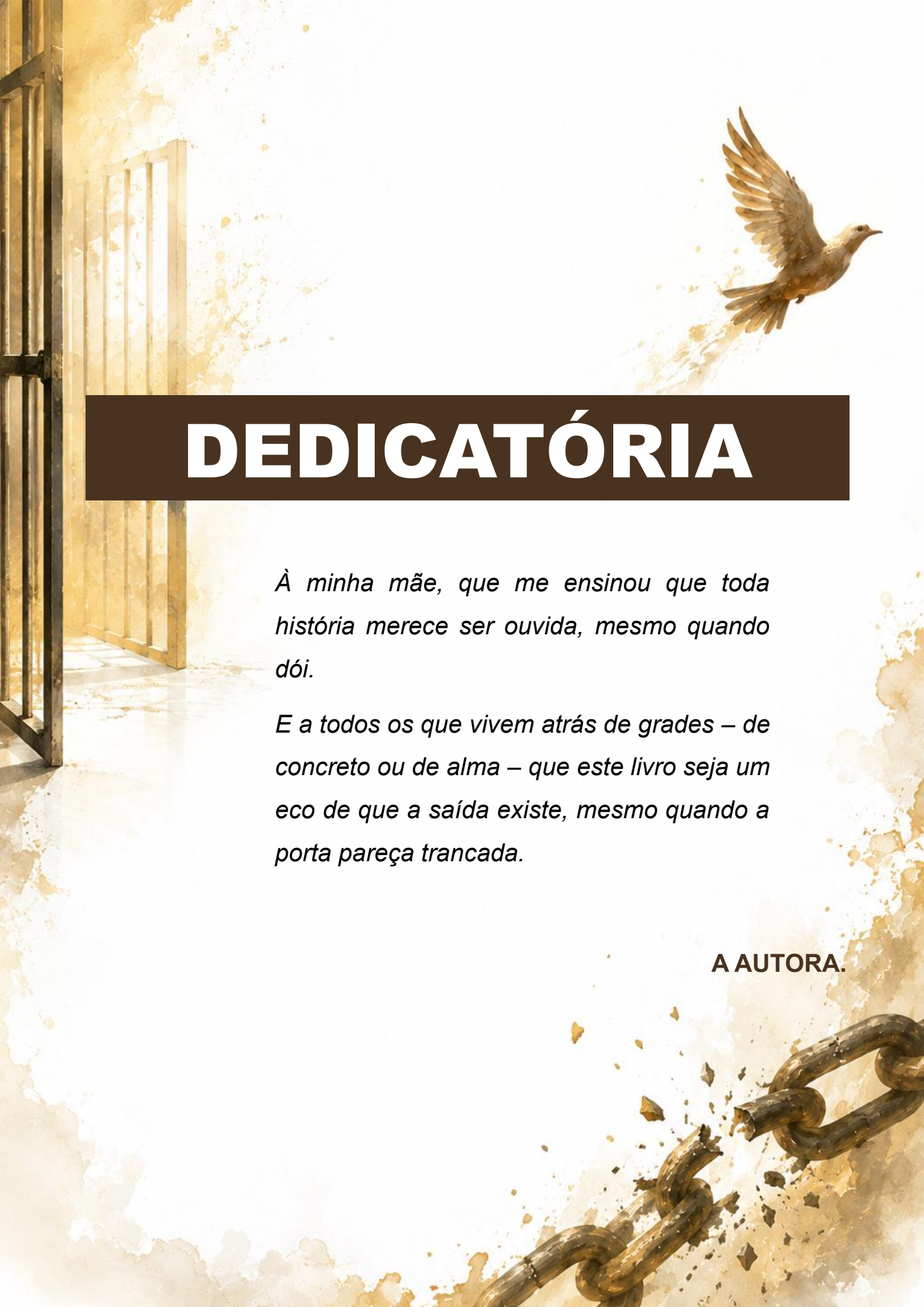
*"O homem que passa pela prisão e não sai
transformado
não aprendeu nada.*

*O homem que passa pela prisão e sai amargo
leva as grades dentro do peito.*

*Mas o homem que passa pela prisão e aprende a
lixar a própria madeira
esse, sim, se torna mais forte que o ferro."*

A AUTORA.





DEDICATÓRIA

À minha mãe, que me ensinou que toda história merece ser ouvida, mesmo quando dói.

E a todos os que vivem atrás de grades – de concreto ou de alma – que este livro seja um eco de que a saída existe, mesmo quando a porta parece trancada.

A AUTORA.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
-----------------------	----------

PARTE I: A QUEDA.....	11
------------------------------	-----------

PRÓLOGO – O CHEIRO DO CIMENTO	11
CAPÍTULO 01: A SEMENTE DA QUEDA.....	13
CAPÍTULO 02: O ÚLTIMO GIRO	19
CAPÍTULO 03: O GRITO DO JUIZ	23
CAPÍTULO 04: O PORTÃO QUE ENGOLIU O DIA	25
CAPÍTULO 05: AS LEIS DO SILÊNCIO	28
CAPÍTULO 06: O PRIMEIRO TAPA QUE ME ACORDOU	30
CAPÍTULO 07: A FACA QUE EU NÃO USEI	32

PARTE II.....	34
----------------------	-----------

CAPÍTULO 08: A ROTINA DO CONDENADO	34
CAPÍTULO 09: A BIBLIOTECA ENTRE AS GRADES	38
CAPÍTULO 10: O JOGO DO SILÊNCIO	42
CAPÍTULO 11: A POEIRA DA SERRAGEM	45
CAPÍTULO 12: A CONSPIRAÇÃO QUE EU DESMONTEI COM PALAVRAS	48
CAPÍTULO 13: A CARTA QUE MUDOU TUDO	50

PARTE III.....	51
-----------------------	-----------

CAPÍTULO 14: O PORTÃO QUE SE ABRE UM POUCO	51
CAPÍTULO 15: O SOL NA CARA	53
CAPÍTULO 16: O ABRAÇO QUE DESMANCHOU OS ANOS	57
CAPÍTULO 17: A GRADE QUE RANGEU PARA FORA	59
CAPÍTULO 18: O CARPINTEIRO DE HOMENS	60

EPÍLOGO	62
----------------------	-----------



PREFÁCIO

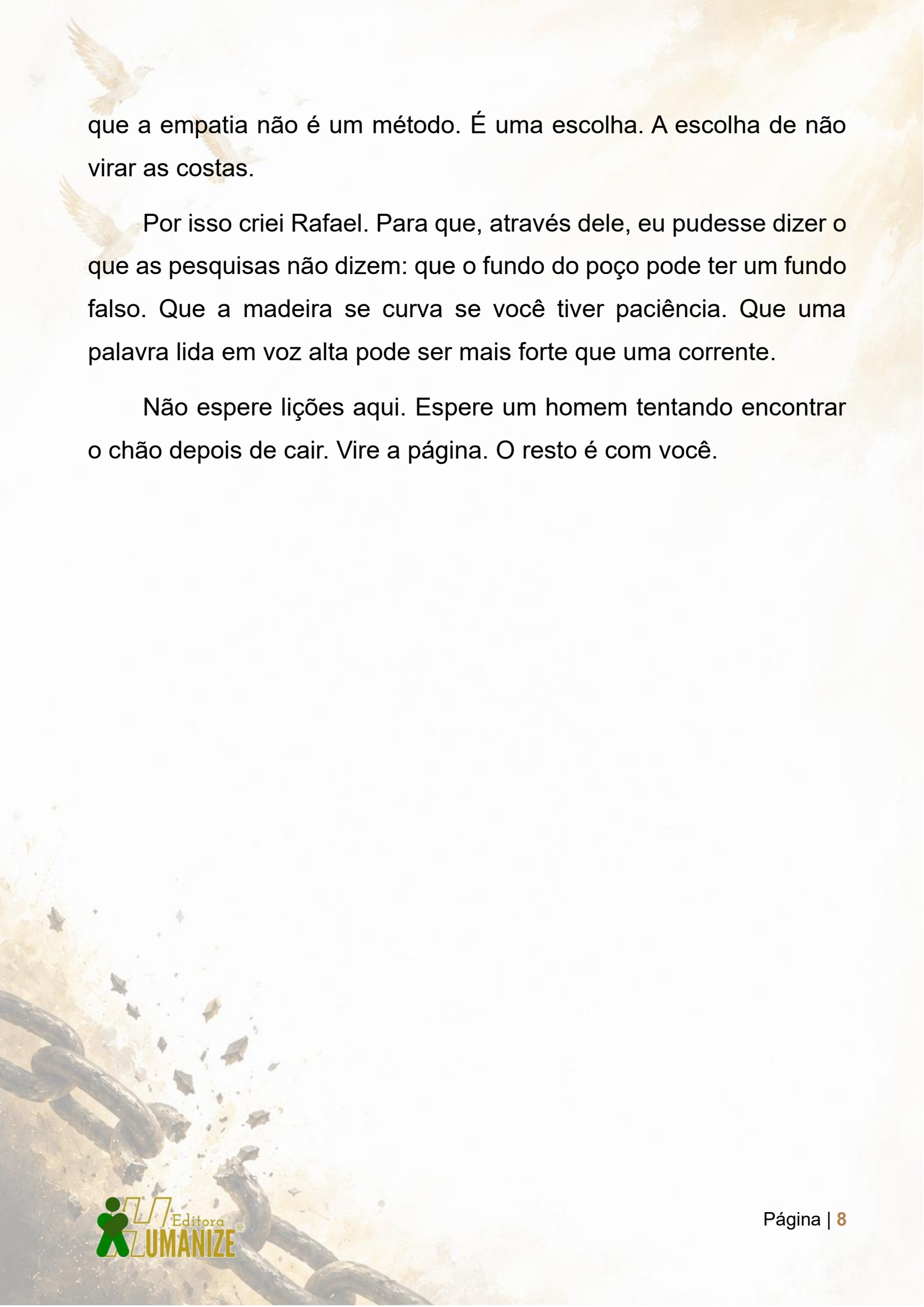
Toda grade pesa.

A minha, dizem, era de ferro. A sua pode ser de concreto, de culpa ou de silêncio. O peso, no fim, é o mesmo: a falta de ar.

Escrevi isso não para explicar a dor, mas para mostrar que ela não é o fim. Rafael não existe. Mas a madeira que ele lixou, o livro que leu e a mão que estendeu a um outro preso – isso existe em cada cela espalhada por este país.

Escrevi este livro durante noites em que o silêncio era tão pesado quanto o de uma cela. Não para denunciar, mas para compreender. Para sentar ao lado de quem caiu e dizer: **"Eu também já estive no chão. E é de lá que a gente aprende a se levantar."**

Foram anos de pesquisa, de leitura, de escuta. Não de escuta ativa – daquela que se aprende em manuais – mas de escuta silenciosa, da que dói, da que fica. Ouvi relatos que não cabem em laudos, vi olhares que não cabem em estatísticas. E, no fim, percebi



que a empatia não é um método. É uma escolha. A escolha de não virar as costas.

Por isso criei Rafael. Para que, através dele, eu pudesse dizer o que as pesquisas não dizem: que o fundo do poço pode ter um fundo falso. Que a madeira se curva se você tiver paciência. Que uma palavra lida em voz alta pode ser mais forte que uma corrente.

Não espere lições aqui. Espere um homem tentando encontrar o chão depois de cair. Vire a página. O resto é com você.

A CHAMADA

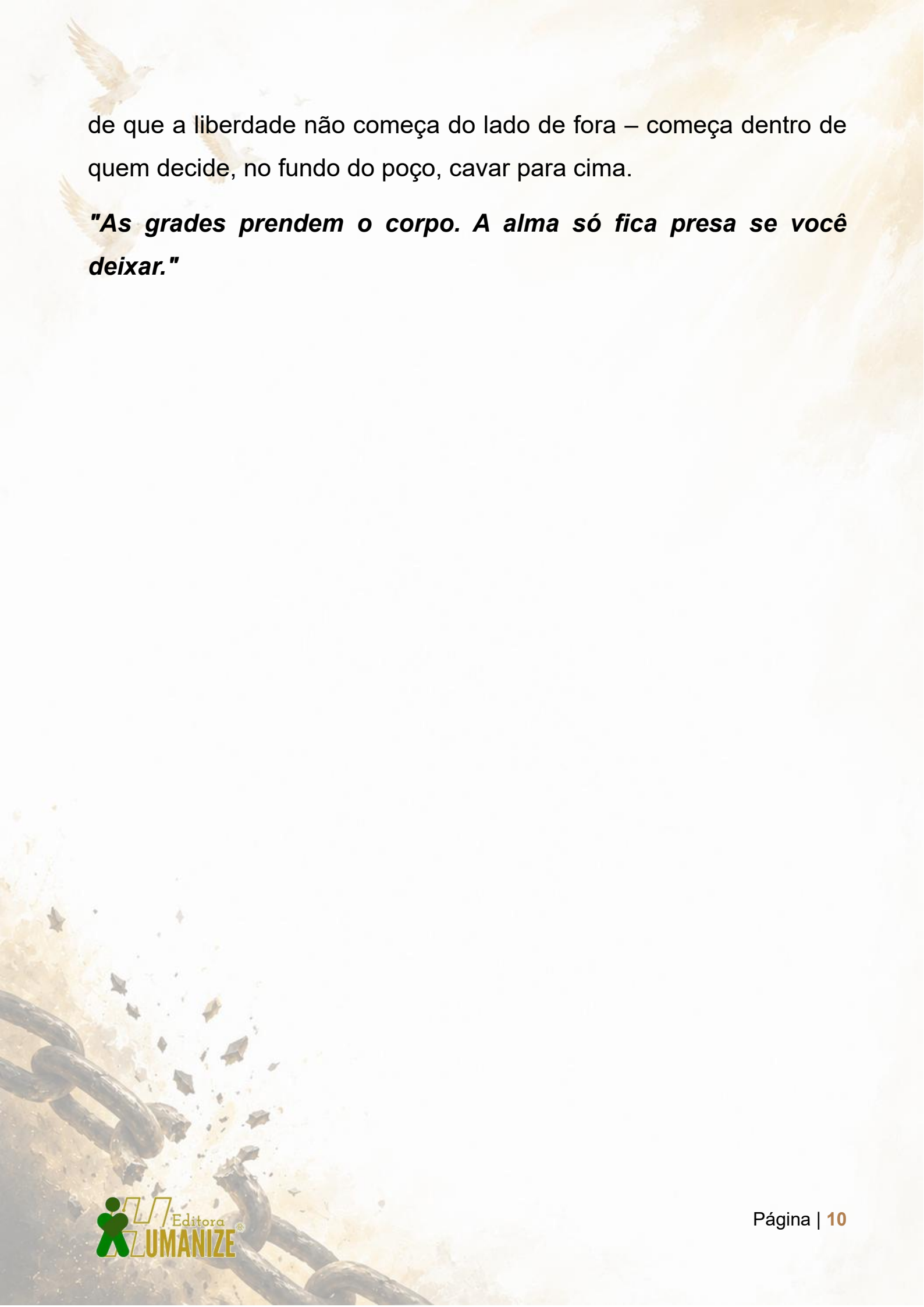
E se a pior prisão não fosse a de concreto, mas a que você constrói dentro de si?

Rafael tinha 22 anos quando a porta de aço rangeu atrás dele. Um assalto mal planejado. Uma sentença de 14 anos. Lá dentro, descobriu que o inferno não é fogo – é o silêncio ensurdecedor de 50 homens num galpão de cimento, o cheiro do mofo que gruda na pele, as regras invisíveis que decidem quem vive e quem morre.

Ele levou tapas que não esperava. Foi humilhado por quem nunca mereceu seu respeito. Viram homens serem destruídos por mentiras sussurradas, isolados até que a alma pedisse socorro. E, por um momento, Rafael quase desistiu.

Mas, no fundo do poço, ele encontrou uma biblioteca esquecida, uma plaina de madeira e a promessa de que a redenção não é um destino – é uma escolha que se renova a cada manhã. Descobriu que uma palavra lida em voz alta pode ser mais forte que uma corrente. E, depois de oito anos, recebeu o abraço de um filho que nunca deixou de acreditar que o pai voltaria.

Mais Forte que as Grades é um romance sobre o que acontece depois da queda. É sobre a coragem de lixar a própria alma até que ela fique lisa o bastante para caber no futuro. É sobre a descoberta



de que a liberdade não começa do lado de fora – começa dentro de quem decide, no fundo do poço, cavar para cima.

"As grades prendem o corpo. A alma só fica presa se você deixar."



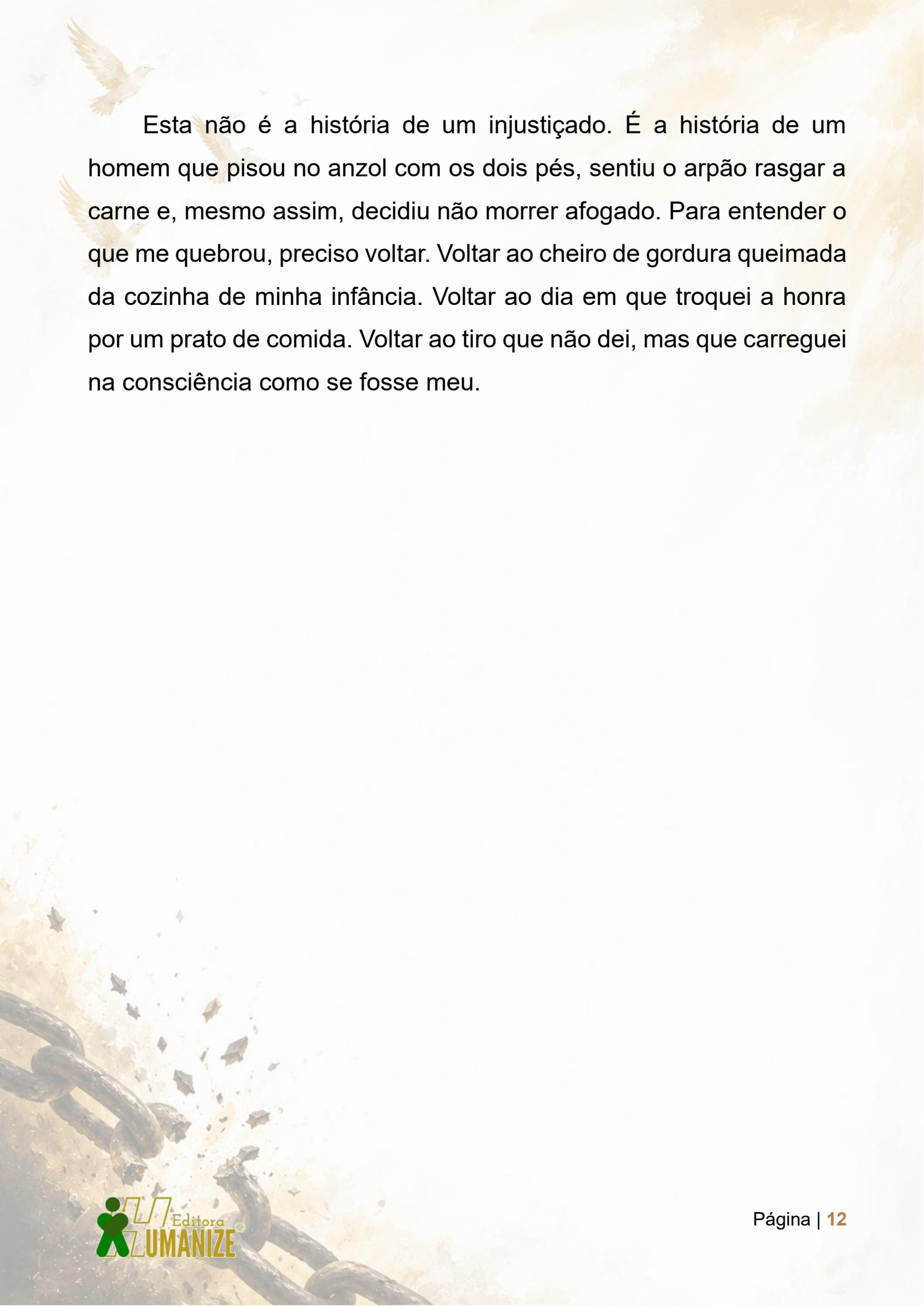
PARTE I

A QUEDA

PRÓLOGO – O CHEIRO DO CIMENTO

O dia em que minha vida se partiu ao meio não foi quando a algema mordeu meu pulso. Foram três semanas depois, no parlatório, quando minha mãe encostou os dedos no vidro e eu vi seus olhos desviarem do meu rosto. Ela não enxergava mais o menino que aprendera a andar de bicicleta no beco de terra. Via um estranho de olheiras profundas, barba por fazer e um número de prontuário gravado na alma.

Eu queria gritar que ainda era o mesmo. Mas a mentira morreria na minha boca antes de nascer. O cimento da cela já começara a endurecer dentro de mim. E o pior: eu sabia que merecia cada centímetro daquela escuridão.



Esta não é a história de um injustiçado. É a história de um homem que pisou no anzol com os dois pés, sentiu o arpão rasgar a carne e, mesmo assim, decidiu não morrer afogado. Para entender o que me quebrou, preciso voltar. Voltar ao cheiro de gordura queimada da cozinha de minha infância. Voltar ao dia em que troquei a honra por um prato de comida. Voltar ao tiro que não dei, mas que carreguei na consciência como se fosse meu.

CAPÍTULO 1

A SEMENTE DA QUEDA

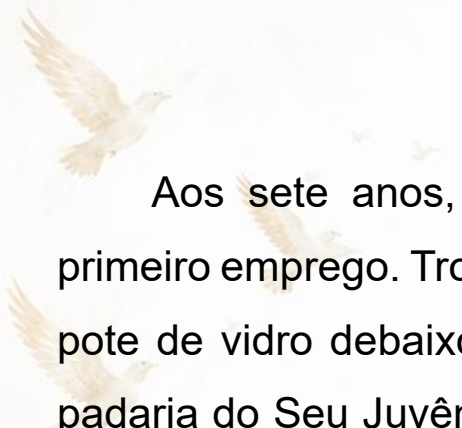
Nasci num barraco de dois cômodos na periferia de São Paulo, num bairro que o asfalto nunca visitou. Minha mãe, dona Lúcia, lavava roupas para as senhoras da zona sul. Eu via as mãos dela descascarem de tanto esfregar sabão em barra. Meu pai? Sumiu quando eu tinha cinco anos. Dizem que foi atrás de trabalho no Sul. Só sei que nunca mais deu notícia. Sobramos eu, minha mãe e um buraco no peito que a gente fingia não sentir.

Minha primeira lembrança nítida do mundo é a fome. Não aquela fome poética que os livros descrevem. A fome verdadeira, que aperta o estômago como um punho fechado, que faz a boca salivar por qualquer resto, que transforma a casca do pão em banquete. Lembro de comer arroz com água fervida e chamar de "sopa". Minha mãe jantava só o caldo para sobrar os grãos para mim.

— Mãe, a senhora não come? — perguntei certa noite, com o prato vazio na mão.

Ela sorriu com os olhos cansados. — Já comi, filho. Comi enquanto cozinhava.

Era mentira. Eu sabia. Mas não tinha coragem de desmenti-la. A mentira dela era um ato de amor, e eu, com meus sete anos, já entendia que o amor às vezes se disfarça de fome.



Aos sete anos, comecei a catar latinhas no lixão. Era meu primeiro emprego. Trocava o alumínio por moedas que guardava num pote de vidro debaixo da cama. Com o dinheiro, comprava pão na padaria do Seu Juvêncio e chegava em casa como um herói, com o saco de pão quentinho contra o peito. Minha mãe chorava de gratidão. Eu chorava de raiva – raiva de um mundo que fazia uma criança ter de alimentar a própria mãe.

A escola era um prédio de concreto sem reboco, com carteiras quebradas e um quadro-negro tão gasto que parecia uma lousa de cinza. Eu ia, mas minha cabeça estava na rua. Aos doze, vendia balas no sinal. Ficava das sete da manhã às oito da noite, entre os carros, oferecendo chicletes, fingindo um sorriso que não sentia.

Certo dia, um motorista de caminhão me deu uma nota de dez reais e disse:

— Garoto, você tem olho de velho. Isso é bom ou ruim? Vai saber.

Ele arrancou com o caminhão e me deixou ali, com a nota amassada na mão e a frase ecoando na cabeça. O que era ter olho de velho? Era ver o que os outros não veem? Ou era já estar cansado antes do tempo?

Naquele mesmo mês, conheci Zé Pequeno. Não, não o bandido famoso dos noticiários. Zé era um cara magro, de camisa xadrez, que vendia relógios falsificados no mesmo sinal. Ele me chamou para um canto, entre um carro e outro, e disse:

— Rafael, você corre rápido?

— Corro — respondi, sem entender.

— Então você não devia vender bala. Devia pegar a bolsa das madames quando o sinal fecha. Elas ficam distraídas no celular. Você passa, pega, some. Não precisa machucar ninguém.

Olhei para as balas na minha mão, para os trocados que mal compravam o pão do dia seguinte. Olhei para Zé, que exibia um maço de notas. Era mais dinheiro do que minha mãe ganhava em uma semana lavando roupa.

— Não sei se consigo — murmurei.

— Você consegue. Só precisa de coragem. Coragem não é não ter medo. Coragem é ter medo e fazer mesmo assim.

Na primeira vez, recusei. Na segunda, ele me mostrou o que comprou com o dinheiro – um tênis novo, uma jaqueta. Eu olhei para meus próprios tênis, com a sola se descolando. Na terceira vez, eu disse sim.

O primeiro furto foi uma carteira de couro marrom. Uma senhora de cabelos brancos a deixou cair no banco do ônibus. Eu peguei, escondi na mochila e desci correndo na parada seguinte. Dentro, havia duzentos reais e uma foto de um neto. Guardei o dinheiro e rasguei a foto. Passei a noite em claro, com a imagem daquele menino sorrindo na retina. Mas na manhã seguinte, o arrependimento

morreu quando coloquei o dinheiro na mão da minha mãe e ela pôde comprar o remédio da pressão.

— Filho, de onde veio isso? — ela perguntou, desconfiada.

— Ganhei um bico no mercado — menti. — Ajudando a descarregar caminhão.

Ela hesitou, mas o cansaço falou mais alto. Guardou o dinheiro e me abraçou. Eu senti o peso daquele abraço como uma sentença. Sabia que estava errado, mas o erro tinha gosto de alívio.

Foi assim que o crime entrou na minha vida. Não com um estouro, não com um revólver fumegante. Entrou pela porta dos fundos, disfarçado de amor filial. Cada furto justificava o próximo. Primeiro foram carteiras. Depois, celulares. Depois, pequenos assaltos a pedestres com uma faca de cozinha que eu nunca usei, mas que mostrava para amedrontar. Eu não queria machucar ninguém. Eu só queria que minha mãe parasse de lavar roupas alheias.

Aos dezoito, virei motorista de fuga. Zé Pequeno tinha subido de nível – agora assaltava lojas de departamento. Eu esperava num carro roubado, o motor ligado, o coração disparado. Nunca fui o atirador, nunca fui o que entrava. Eu era o homem do volante. Na minha cabeça, isso me absolvía.

— Você só dirige — dizia Zé. — Não põe a mão em nada. Se der ruim, você foge. É o mais seguro.

— E se vocês forem pegos? — perguntei certa vez.

— Aí você arruma outro motorista. A vida segue.

Eu não percebia que, ao aceitar aquela lógica, já estava condenado. O cúmplice é a mão que segura a faca enquanto a outra corta. E a minha mão estava suja – suja de cumplicidade, de medo e de desespero.

Aos vinte, minha namorada, Cida, engravidou. Meu filho, Lucas, nasceu com uma saúde frágil. Pneumonia, internações, contas que se acumulavam como dívidas num cassino. Minha mãe ficou doente também – uma artrite que deformou as mãos que tanto trabalharam. Eu olhava para aquelas mãos tortas e via o preço da minha covardia. O dinheiro do crime nunca era suficiente. Quanto mais eu ganhava, mais gastava.

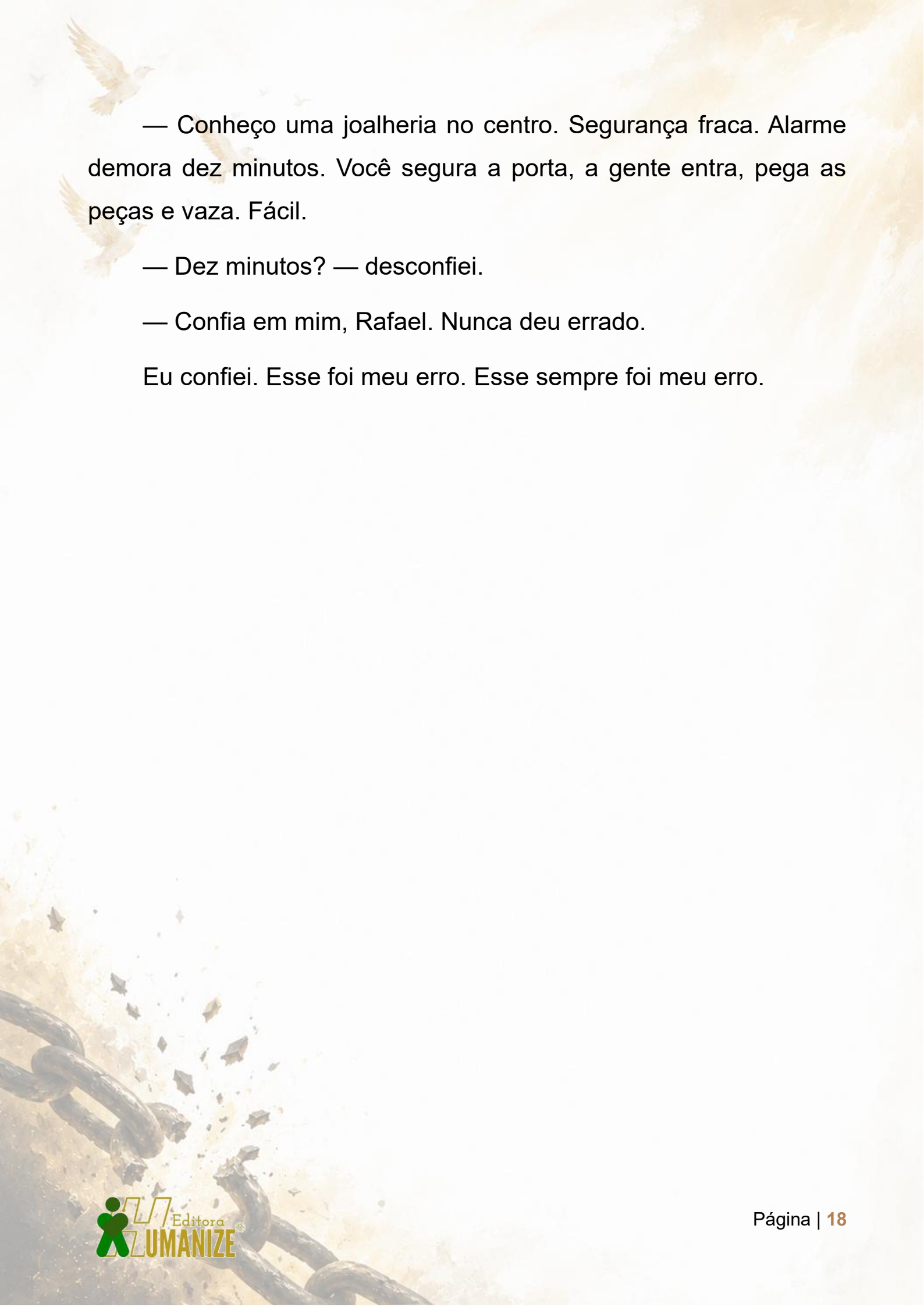
Certa noite, Cida me acordou com o choro de Lucas.

— Rafael, ele está com febre de novo. O remédio acabou.

Olhei para a carteira vazia. Para o teto manchado de umidade. Para o desespero nos olhos de Cida. Na manhã seguinte, fui falar com Zé.

— Preciso de um serviço grande — disse. — Não aguento mais viver assim.

Zé sorriu. Tinha o sorriso de quem já esperava por aquela frase.



— Conheço uma joalheria no centro. Segurança fraca. Alarme demora dez minutos. Você segura a porta, a gente entra, pega as peças e vaza. Fácil.

— Dez minutos? — desconfiei.

— Confia em mim, Rafael. Nunca deu errado.

Eu confiei. Esse foi meu erro. Esse sempre foi meu erro.



CAPÍTULO 2

O ÚLTIMO GIRO

A data era 12 de novembro de 2006. Uma terça-feira. Lembro que o céu estava cinza, ameaçando chuva, mas não choveu. O ar estava pesado, como se o mundo estivesse prendendo a respiração.

Zé, eu e mais dois – um chamado Carlão e outro, Pedrinho – entramos no carro. Um Gol prata. Placa clonada, soube depois. Zé dirigiu até o centro. No caminho, o silêncio era pesado. Pedrinho, o mais novo, não parava de mexer nas mãos. Carlão cantarolava uma música que eu não conhecia.

— Nervoso, Rafael? — Zé perguntou, olhando pelo retrovisor.

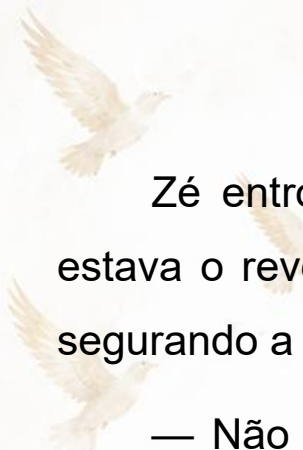
— Um pouco.

— Normal. Quem não fica nervoso antes de um assalto é maluco. Mas nervoso é bom. Mantém os olhos abertos.

— E se o alarme tocar antes do tempo? — insisti.

— Não vai tocar. O gerente é um velho que nem sabe ligar o sistema direito. Fica tranquilo.

Chegamos. A joalheria era uma loja pequena, com uma fachada de vidro e letras douradas. Dentro, um homem baixo, de bigode grisalho, limpava os óculos com um pano azul. Ele não nos viu chegar.



Zé entrou primeiro, com a mão no bolso da jaqueta – onde estava o revólver. Carlão e Pedrinho seguiram. Eu fiquei na porta, segurando a maçaneta de correr, como combinado.

— Não se mexa, não grite — disse Zé, apontando o revólver para o gerente. — Só queremos as peças. Você sai vivo.

O gerente ergueu as mãos. Suas pernas tremiam. Eu vi o pânico nos olhos dele. Mas ele não gritou. Não fez nenhum movimento brusco.

Carlão começou a quebrar as vitrines com a coronha da arma. O barulho do vidro estilhaçando era como um prego no meu ouvido. Relógios, anéis, colares – tudo voava para a mochila de Pedrinho.

— Rápido, rápido! — Zé ordenava.

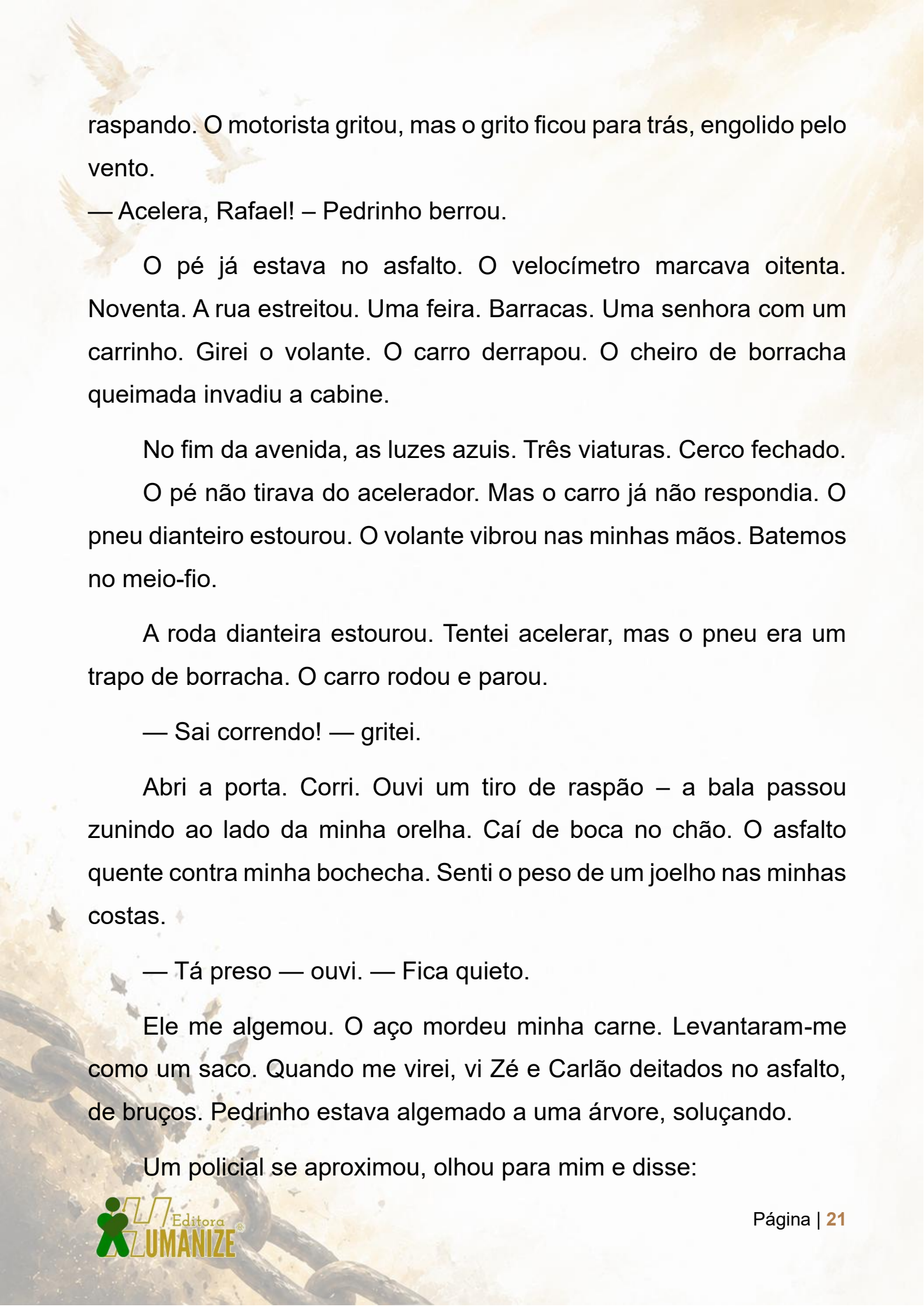
— Já está quase — respondeu Carlão.

Eu olhava para a rua. Transeuntes passavam sem notar nada. Um homem com um cachorro, uma senhora com sacolas de supermercado. Ninguém olhava para a joalheria. Pensei: "Talvez Zé tivesse razão."

Foi aí que o alarme tocou. Um som ensurdecedor, agudo, que pareceu rasgar o ar.

— Vaza! Vaza! — gritou Zé.

Corremos para o carro. O carro arrancou. O motor chorou na primeira marcha. Raspei o retrovisor num poste – o barulho foi um prego no ouvido. Virei à esquerda sem olhar. Uma moto passou



raspando. O motorista gritou, mas o grito ficou para trás, engolido pelo vento.

— Acelera, Rafael! — Pedrinho berrou.

O pé já estava no asfalto. O velocímetro marcava oitenta. Noventa. A rua estreitou. Uma feira. Barracas. Uma senhora com um carrinho. Girei o volante. O carro derrapou. O cheiro de borracha queimada invadiu a cabine.

No fim da avenida, as luzes azuis. Três viaturas. Cerco fechado.

O pé não tirava do acelerador. Mas o carro já não respondia. O pneu dianteiro estourou. O volante vibrou nas minhas mãos. Batemos no meio-fio.

A roda dianteira estourou. Tentei acelerar, mas o pneu era um trapo de borracha. O carro rodou e parou.

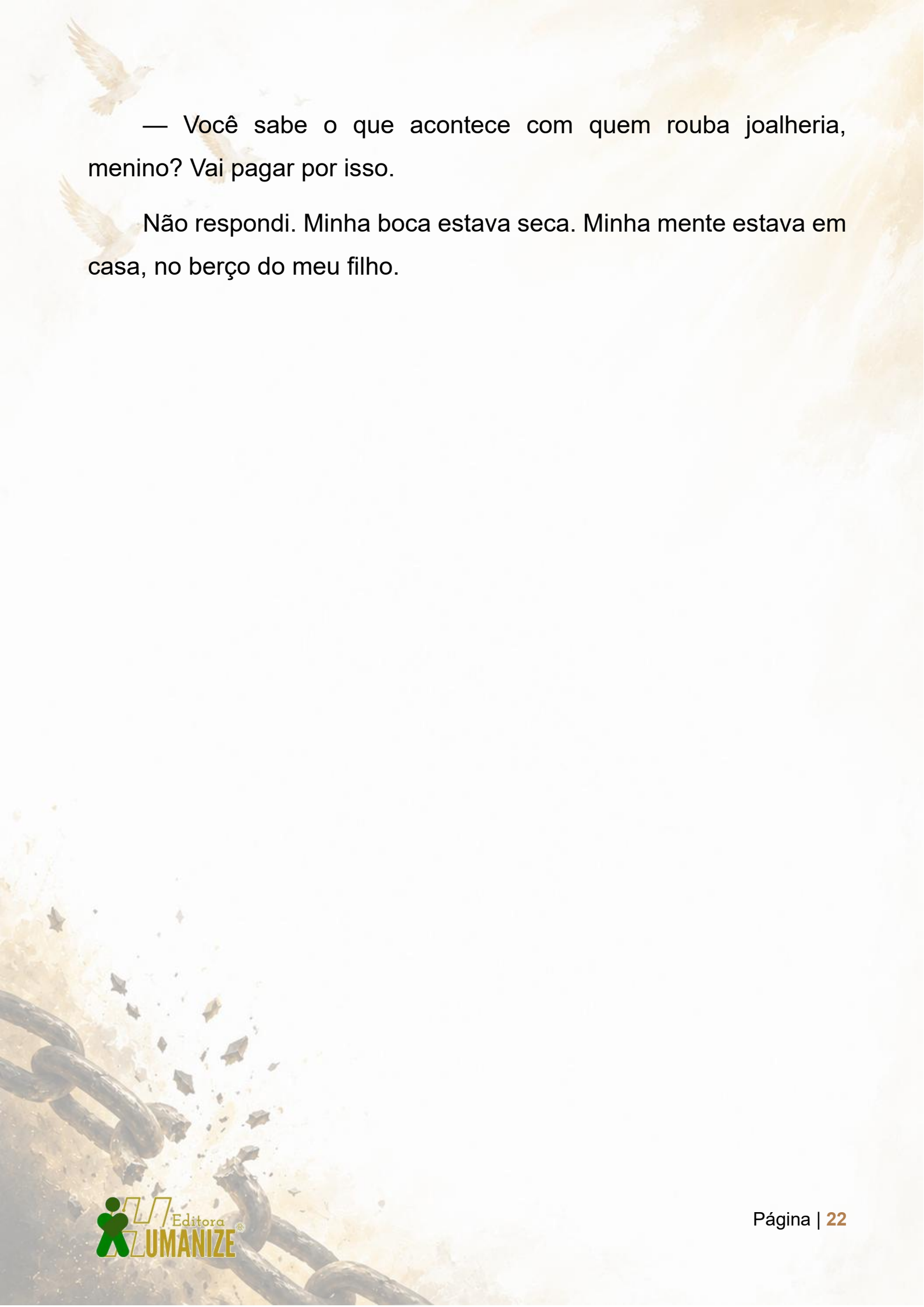
— Sai correndo! — gritei.

Abri a porta. Corri. Ouvi um tiro de raspão – a bala passou zunindo ao lado da minha orelha. Caí de boca no chão. O asfalto quente contra minha bochecha. Senti o peso de um joelho nas minhas costas.

— Tá preso — ouvi. — Fica quieto.

Ele me algemou. O aço mordeu minha carne. Levantaram-me como um saco. Quando me virei, vi Zé e Carlão deitados no asfalto, de bruços. Pedrinho estava algemado a uma árvore, soluçando.

Um policial se aproximou, olhou para mim e disse:



— Você sabe o que acontece com quem rouba joalheria, menino? Vai pagar por isso.

Não respondi. Minha boca estava seca. Minha mente estava em casa, no berço do meu filho.



CAPÍTULO 3

O GRITO DO JUIZ

Passei seis meses no centro de detenção provisória aguardando julgamento. Visitas eram raras. Minha mãe veio duas vezes. Cida veio uma, grávida do nosso segundo filho – que eu não vi nascer.

— Rafael, você vai sair? — ela perguntou, com a voz embargada.

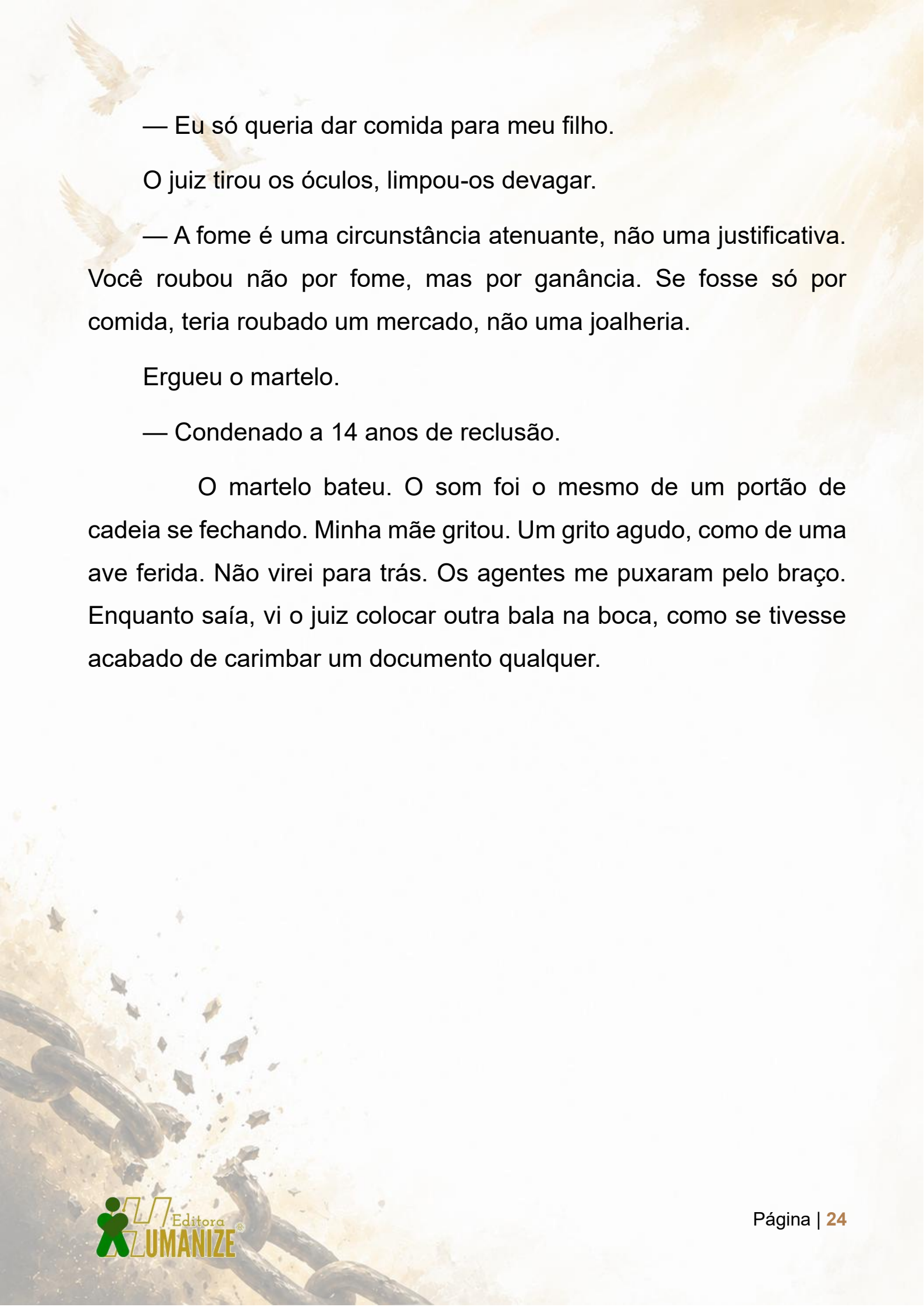
— Vou tentar — respondi, mas não acreditava no que dizia.

O julgamento foi numa sala gelada. O juiz era um homem careca, de óculos fundo de garrafa, que mastigava balas de menta enquanto lia a sentença. O promotor listou meus furtos desde a adolescência.

— Não foi um assalto comum — disse o promotor. — Foi uma ação premeditada, com uso de arma, que colocou vidas em risco. Peço 18 anos.

Meu defensor público pediu clemência. Falou da minha infância pobre, do meu filho recém-nascido, da minha mãe doente. O juiz ouviu com uma expressão de pedra.

Quando chegou minha vez de falar, abri a boca, mas saiu apenas um soluço. Olhei para minha mãe no fundo do salão. Finalmente, consegui dizer:



— Eu só queria dar comida para meu filho.

O juiz tirou os óculos, limpou-os devagar.

— A fome é uma circunstância atenuante, não uma justificativa. Você roubou não por fome, mas por ganância. Se fosse só por comida, teria roubado um mercado, não uma joalheria.

Ergueu o martelo.

— Condenado a 14 anos de reclusão.

O martelo bateu. O som foi o mesmo de um portão de cadeia se fechando. Minha mãe gritou. Um grito agudo, como de uma ave ferida. Não virei para trás. Os agentes me puxaram pelo braço. Enquanto saía, vi o juiz colocar outra bala na boca, como se tivesse acabado de carimbar um documento qualquer.

CAPÍTULO 4

O PORTÃO QUE ENGOLIU O DIA

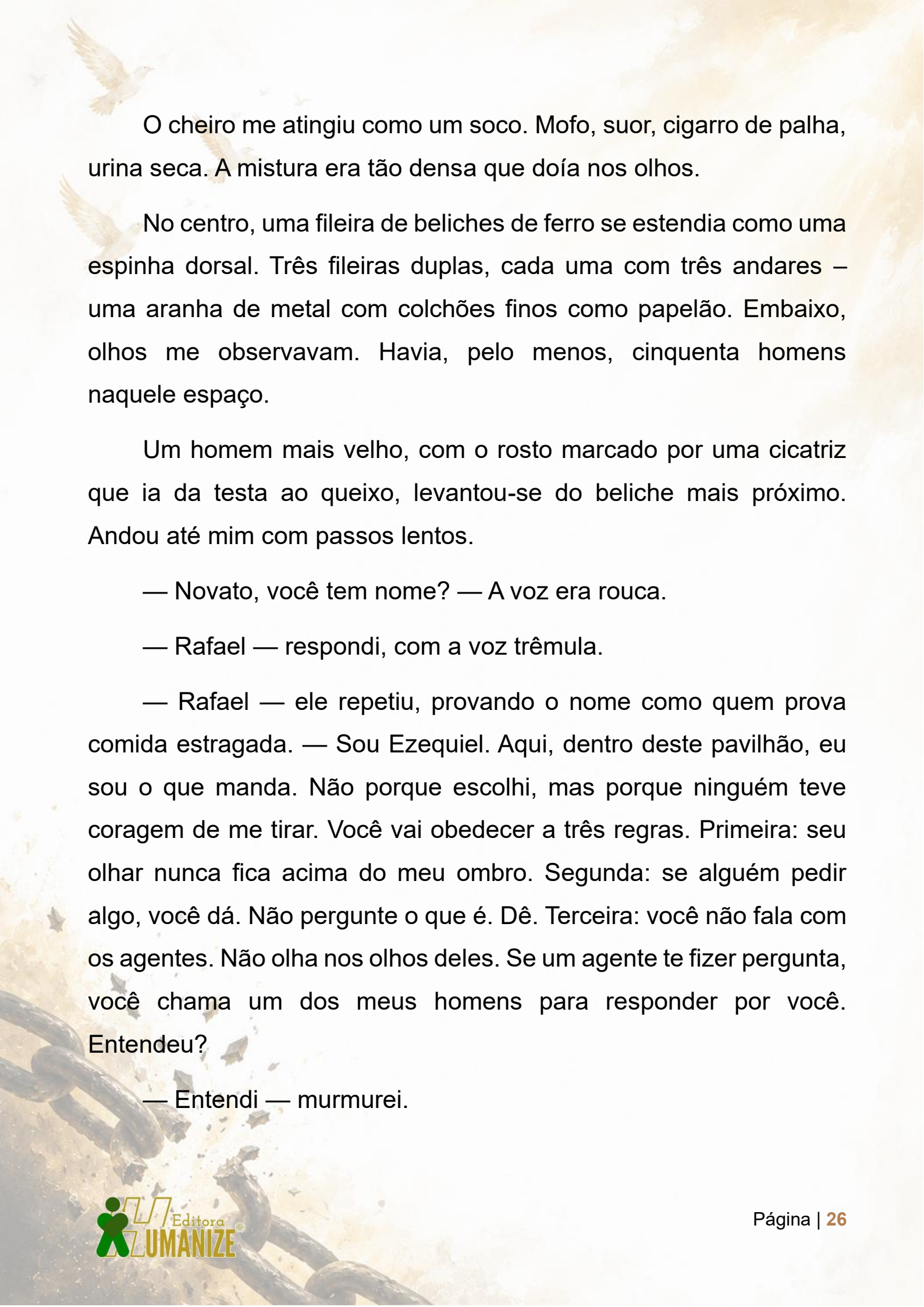
O camburão cheirava a desinfetante, suor e medo. Eu ia algemado a dois desconhecidos. O motorista cantarolava uma música sertaneja enquanto o veículo balançava nas ruas esburacadas.

Quando o portão principal se abriu, ouvi o range. Não era um rangido qualquer. Era o som de uma mandíbula de aço mastigando a luz do sol. O presídio era um bloco de concreto cinzento, imenso, com janelas que eram apenas fendas estreitas – olhos cegos de um monstro adormecido. A muralha no topo tinha cacos de vidro incrustados, brilhando como dentes de tubarão.

Saltamos. O sol da tarde bateu no meu rosto. Foi o último raio de luz que eu sentiria diretamente por muito tempo. Os agentes nos revistaram e nos empurraram para o corredor de entrada. O eco dos nossos passos contra o chão de cimento soava como uma contagem regressiva.

— Pavilhão 6 — disse um agente, apontando com a caneta para um corredor à esquerda. — Sua nova casa.

Empurraram-me através de uma porta de aço. O pavilhão se abriu como uma asa de concreto. Era um galpão retangular, teto alto, paredes pintadas de um branco sujo manchado de umidade.



O cheiro me atingiu como um soco. Mofo, suor, cigarro de palha, urina seca. A mistura era tão densa que doía nos olhos.

No centro, uma fileira de beliches de ferro se estendia como uma espinha dorsal. Três fileiras duplas, cada uma com três andares – uma aranha de metal com colchões finos como papelão. Embaixo, olhos me observavam. Havia, pelo menos, cinquenta homens naquele espaço.

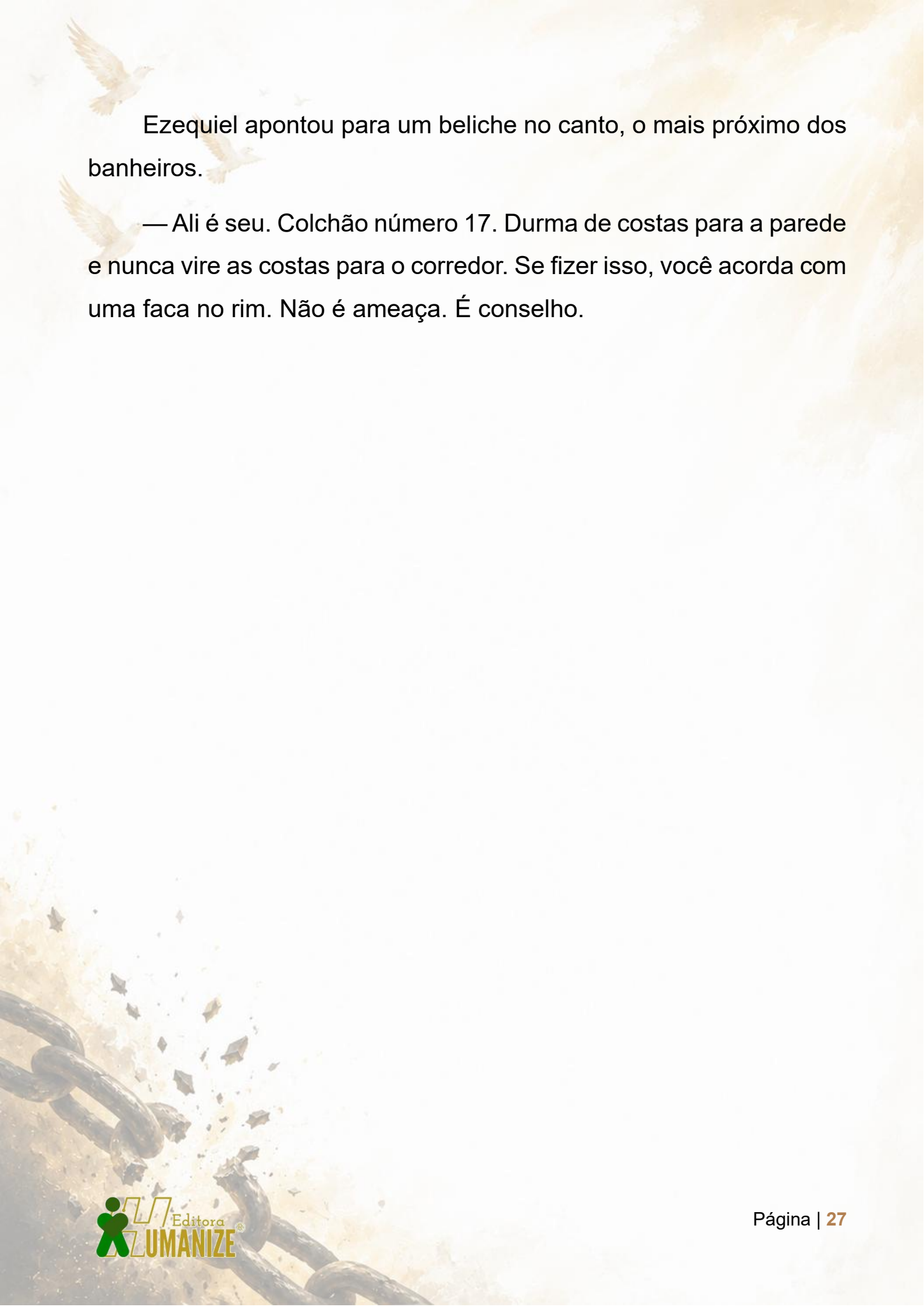
Um homem mais velho, com o rosto marcado por uma cicatriz que ia da testa ao queixo, levantou-se do beliche mais próximo. Andou até mim com passos lentos.

— Novato, você tem nome? — A voz era rouca.

— Rafael — respondi, com a voz trêmula.

— Rafael — ele repetiu, provando o nome como quem prova comida estragada. — Sou Ezequiel. Aqui, dentro deste pavilhão, eu sou o que manda. Não porque escolhi, mas porque ninguém teve coragem de me tirar. Você vai obedecer a três regras. Primeira: seu olhar nunca fica acima do meu ombro. Segunda: se alguém pedir algo, você dá. Não pergunte o que é. Dê. Terceira: você não fala com os agentes. Não olha nos olhos deles. Se um agente te fizer pergunta, você chama um dos meus homens para responder por você. Entendeu?

— Entendi — murmurei.



Ezequiel apontou para um beliche no canto, o mais próximo dos banheiros.

— Ali é seu. Colchão número 17. Durma de costas para a parede e nunca vire as costas para o corredor. Se fizer isso, você acorda com uma faca no rim. Não é ameaça. É conselho.

CAPÍTULO 5

AS LEIS DO SILÊNCIO

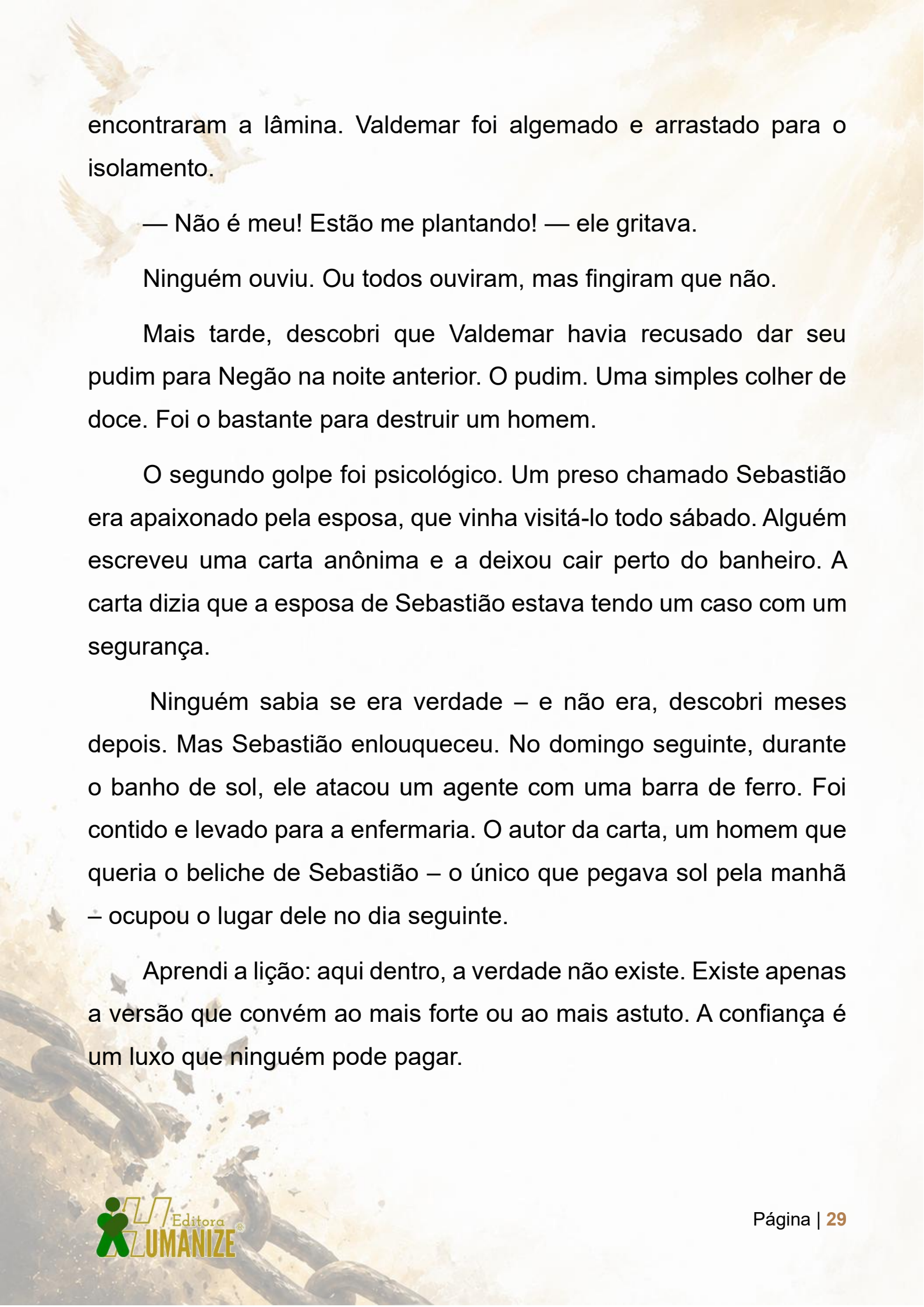
Nos primeiros dez dias, não dormi. Fiquei com os olhos abertos na escuridão, escutando os roncos, os sussurros, os choros abafados. A luz amarela do pavilhão nunca se apagava completamente, mas criava sombras que dançavam nas paredes.

A comida era uma pasta cinzenta com arroz grudento e um pedaço de carne que parecia sola de sapato. Mas eu comia. Precisava viver.

A hierarquia invisível era um jogo de xadrez jogado com ossos humanos. Havia os que cobravam dívidas – cigarros, macarrão instantâneo, favores. Havia os isolados – que ninguém tocava, mas que todos ignoravam. E havia os que aplicavam as punições por ordem de Ezequiel.

Ninguém mexia com Ezequiel porque todos sabiam que ele tinha uma rede de olhos e ouvidos. Se alguém planejava algo contra ele, ele sabia antes do jantar.

Na segunda semana, vi o primeiro golpe. Um homem chamado Valdemar era um sujeito quieto, que ficava no canto lendo uma Bíblia velha. Certo dia, um dos cobradores, um tal de Negão, escondeu um pedaço de metal afiado – uma faca improvisada de aço de cama – debaixo do colchão de Valdemar. Durante a revista, os agentes



encontraram a lâmina. Valdemar foi algemado e arrastado para o isolamento.

— Não é meu! Estão me plantando! — ele gritava.

Ninguém ouviu. Ou todos ouviram, mas fingiram que não.

Mais tarde, descobri que Valdemar havia recusado dar seu pudim para Negão na noite anterior. O pudim. Uma simples colher de doce. Foi o bastante para destruir um homem.

O segundo golpe foi psicológico. Um preso chamado Sebastião era apaixonado pela esposa, que vinha visitá-lo todo sábado. Alguém escreveu uma carta anônima e a deixou cair perto do banheiro. A carta dizia que a esposa de Sebastião estava tendo um caso com um segurança.

Ninguém sabia se era verdade – e não era, descobri meses depois. Mas Sebastião enlouqueceu. No domingo seguinte, durante o banho de sol, ele atacou um agente com uma barra de ferro. Foi contido e levado para a enfermaria. O autor da carta, um homem que queria o beliche de Sebastião – o único que pegava sol pela manhã – ocupou o lugar dele no dia seguinte.

Aprendi a lição: aqui dentro, a verdade não existe. Existe apenas a versão que convém ao mais forte ou ao mais astuto. A confiança é um luxo que ninguém pode pagar.

CAPÍTULO 6

O PRIMEIRO TAPA QUE ME ACORDOU

Minha vez de ser alvo chegou no 22º dia.

Eu tinha um par de tênis quase novos – os únicos que minha mãe havia conseguido comprar antes do julgamento. Na noite anterior, um preso chamado Binho, que dormia no beliche acima do meu, elogiou meus tênis.

— Bonitos — disse ele. — Devem ser caros.

— Minha mãe deu — respondi.

— Sortudo.

Na manhã seguinte, acordei com um tapa na nuca. Binho estava curvado sobre mim.

— Cadê meu isqueiro? — perguntou.

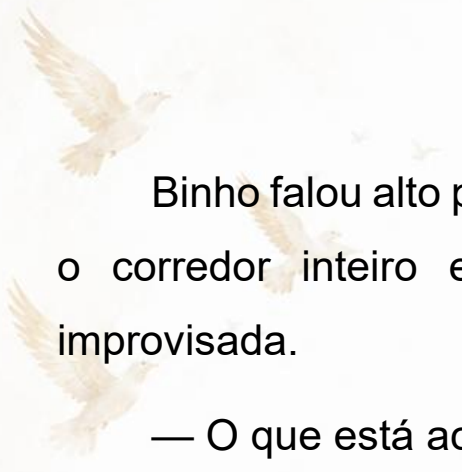
— O quê?

— Meu isqueiro prateado. Eu deixei em cima do colchão e agora sumiu. Só você acordou antes de mim.

— Não peguei nenhum isqueiro — respondi.

— Claro que pegou. Devolve.

— Não peguei!



Binho falou alto para que todos ouvissem. Em poucos segundos, o corredor inteiro estava olhando. Ezequiel saiu de sua cela improvisada.

— O que está acontecendo?

— Ele roubou meu isqueiro — disse Binho.

— Eu não roubei nada! — gritei.

Ezequiel olhou para mim, depois para Binho. Ele sabia que Binho estava mentindo? Provavelmente. Mas o que importava não era a verdade. Era a ordem.

— Revistam o colchão — ordenou.

Dois homens viraram meu colchão. O isqueiro estava ali, enfiado na espuma, do lado que eu não conseguia ver à noite. Binho o plantou enquanto eu dormia.

Ezequiel pegou o isqueiro e, sem dizer uma palavra, deu-me um tapa. Foi um tapa aberto, seco, que estalou no silêncio. Minha boca encheu de sangue.

— Novato aprendeu — disse Ezequiel, devolvendo o isqueiro a Binho.

Binho sorriu para mim. Um sorriso de vitória. Olhei para o sangue escorrendo entre meus dedos e jurei: nunca mais serei vítima. Não por vingança. Por sobrevivência.

CAPÍTULO 7

A FACA QUE EU NÃO USEI

Depois daquele dia, entendi que a vítima não é quem apanha; é quem não aprende. Binho me humilhou porque pôde. Mas ele não esperava que eu o observasse como um predador observa a presa.

Passei uma semana estudando Binho. Ele tinha um vício: gostava de fumar os cigarros dos outros, mas nunca comprava os próprios. Ele pedia emprestado e esquecia de devolver.

No oitavo dia, fiz minha jogada. Durante o banho de sol, esperei o momento em que Binho se aproximou de um preso chamado Tadeu para pedir um cigarro. Aproximei-me por trás e, em voz alta, disse:

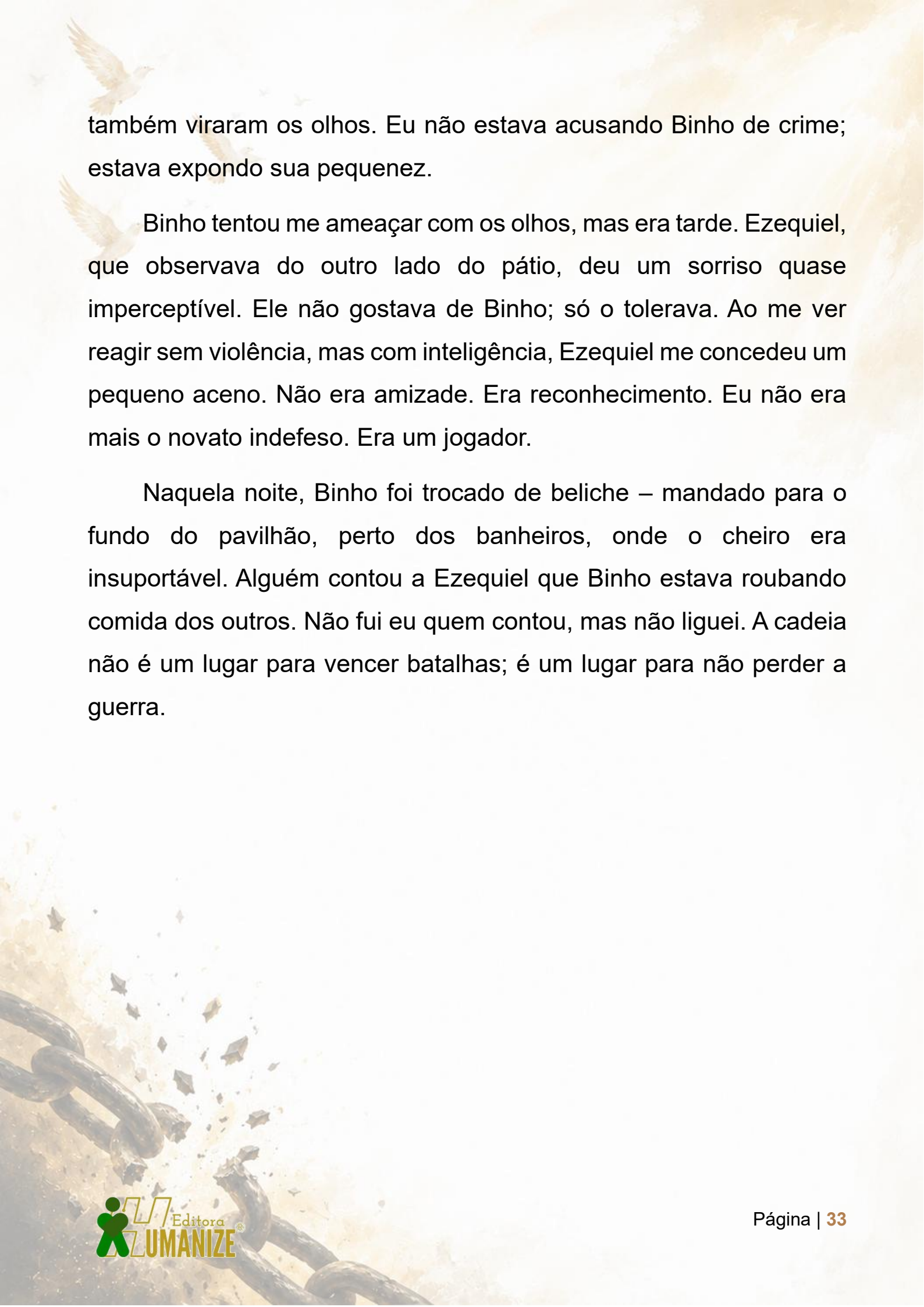
— Binho, você me deve dois cigarros da semana passada. Disse que ia pagar hoje.

Binho virou-se, surpreso.

— Não devo nada a você.

— Claro que deve — insisti, com a voz calma, mas alta o bastante para que Tadeu ouvisse. — Você tem esse problema, Binho. Pega as coisas e esquece. Até o isqueiro que você plantou no meu colchão você esqueceu de pegar de volta.

Soltei uma risada seca, como se fosse uma piada antiga. Tadeu olhou para Binho com desconfiança. Os outros presos ao redor



também viraram os olhos. Eu não estava acusando Binho de crime; estava expondo sua pequenez.

Binho tentou me ameaçar com os olhos, mas era tarde. Ezequiel, que observava do outro lado do pátio, deu um sorriso quase imperceptível. Ele não gostava de Binho; só o tolerava. Ao me ver reagir sem violência, mas com inteligência, Ezequiel me concedeu um pequeno aceno. Não era amizade. Era reconhecimento. Eu não era mais o novato indefeso. Era um jogador.

Naquela noite, Binho foi trocado de beliche – mandado para o fundo do pavilhão, perto dos banheiros, onde o cheiro era insuportável. Alguém contou a Ezequiel que Binho estava roubando comida dos outros. Não fui eu quem contou, mas não liguei. A cadeia não é um lugar para vencer batalhas; é um lugar para não perder a guerra.



PARTE II

A SOBREVIVÊNCIA

CAPÍTULO 8

A ROTINA DO CONDENADO

Os dias no Pavilhão 6 tinham uma cadência implacável. Acordávamos antes das cinco da manhã, com o grito do agente ecoando pelo corredor. Não era um grito de raiva – era um grito de ofício, como o de um mestre de cerimônias anunciando o início de um espetáculo que ninguém queria assistir.

— Levanta, pessoal! Café em trinta minutos!

O barulho dos beliches rangendo era como uma orquestra desafinada. Corpos se erguiam das camas, colchões finos estalavam, pés descalços batiam no cimento frio. O ar cheirava a suor acumulado

da noite, a mofo e ao ranço de cinquenta homens respirando no mesmo espaço.

Eu aprendi a me levantar antes do grito. Nos primeiros meses, acordava com o coração disparado, achando que era um ataque. Depois, o corpo se acostumou. O medo virou rotina.

Tomávamos café num corredor estreito, onde uma mesa de metal comprida acomodava vinte pessoas por vez. O café era ralo, amargo e servido em canecas de plástico rachadas. O pão era duro, mas eu o comia devagar, mastigando cada migalha como se fosse um banquete.

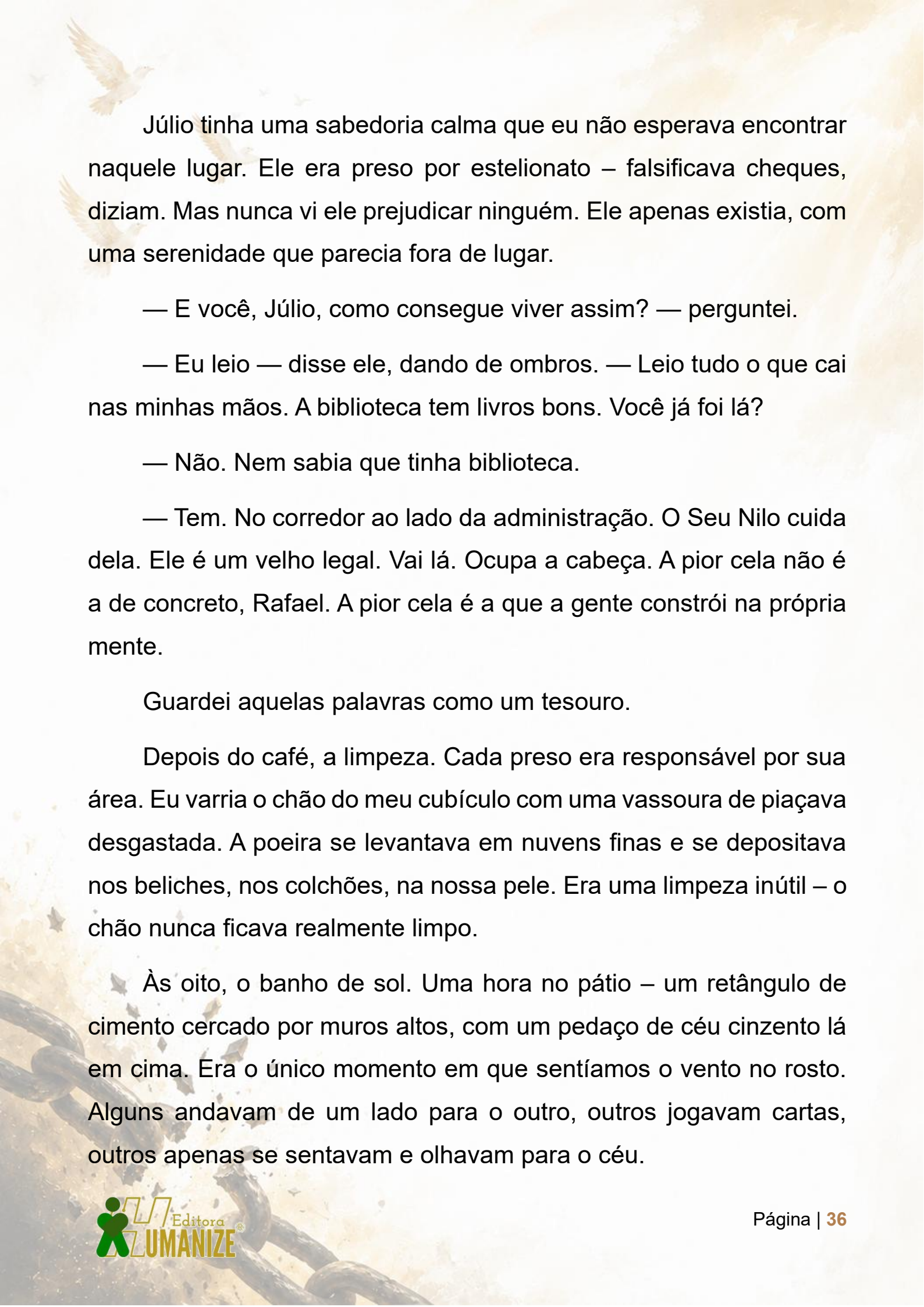
— Rafael, senta aqui — disse um dia um preso chamado Júlio, um homem magro de olhos vivos que dividia o beliche ao lado do meu. — Não fica no canto sozinho. Isso chama atenção.

— Obrigado — respondi, sentando ao lado dele.

— Você é novo, né? — perguntou, sem esperar resposta. — Todo mundo passa por isso. Nos primeiros meses você acha que vai morrer. Depois, acha que vai enlouquecer. E, quando percebe que não vai nem morrer nem enlouquecer, aí você começa a viver.

— Viver aqui? — ri, sem graça.

— Viver, Rafael. Não é a vida que você tinha lá fora. Mas é a vida que você tem agora. Você pode escolher ser um fantasma ou pode escolher ser homem. A escolha é sua.



Júlio tinha uma sabedoria calma que eu não esperava encontrar naquele lugar. Ele era preso por estelionato – falsificava cheques, diziam. Mas nunca vi ele prejudicar ninguém. Ele apenas existia, com uma serenidade que parecia fora de lugar.

— E você, Júlio, como consegue viver assim? — perguntei.

— Eu leio — disse ele, dando de ombros. — Leio tudo o que cai nas minhas mãos. A biblioteca tem livros bons. Você já foi lá?

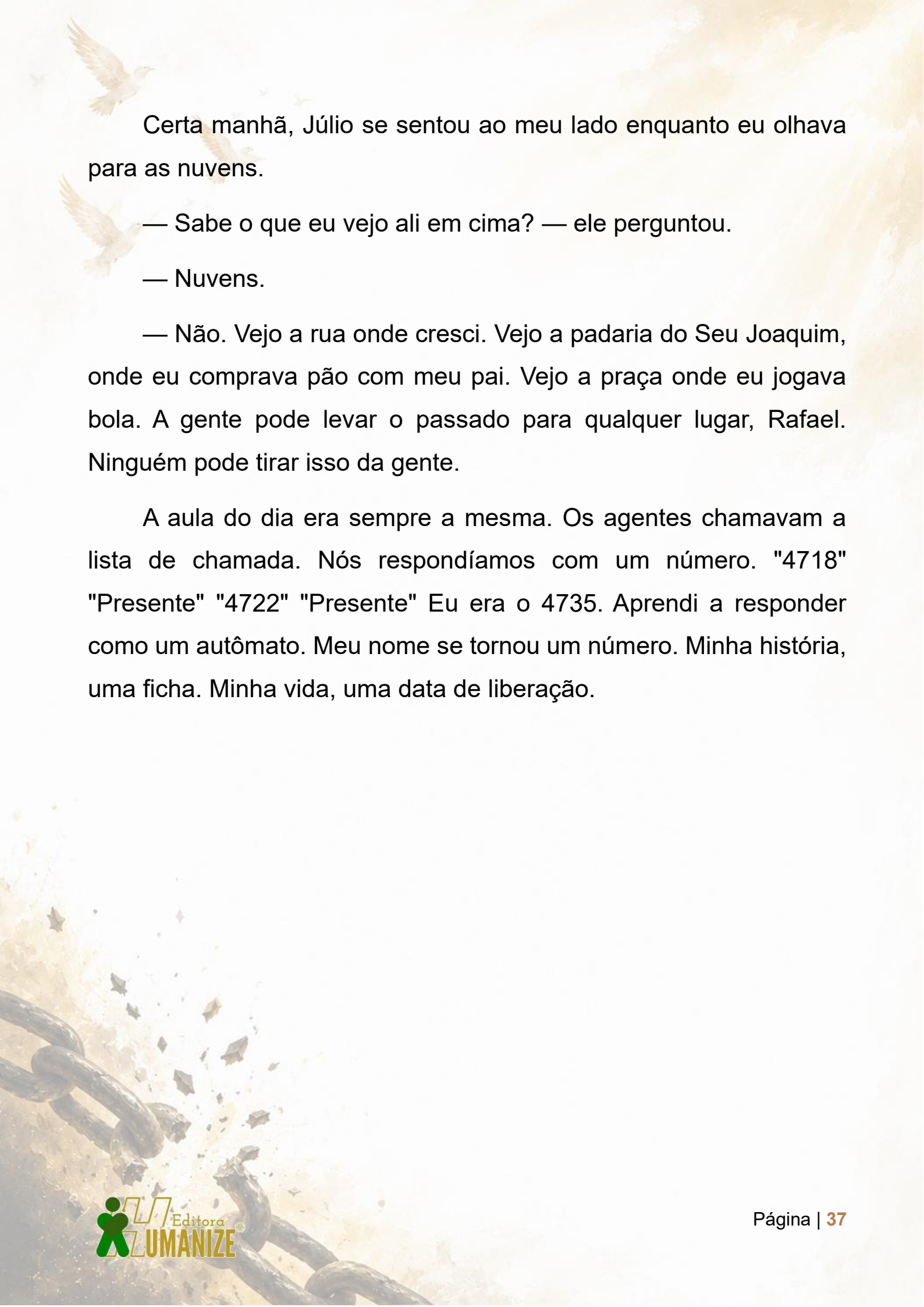
— Não. Nem sabia que tinha biblioteca.

— Tem. No corredor ao lado da administração. O Seu Nilo cuida dela. Ele é um velho legal. Vai lá. Ocupa a cabeça. A pior cela não é a de concreto, Rafael. A pior cela é a que a gente constrói na própria mente.

Guardei aquelas palavras como um tesouro.

Depois do café, a limpeza. Cada preso era responsável por sua área. Eu varria o chão do meu cubículo com uma vassoura de piaçava desgastada. A poeira se levantava em nuvens finas e se depositava nos beliches, nos colchões, na nossa pele. Era uma limpeza inútil – o chão nunca ficava realmente limpo.

Às oito, o banho de sol. Uma hora no pátio – um retângulo de cimento cercado por muros altos, com um pedaço de céu cinzento lá em cima. Era o único momento em que sentíamos o vento no rosto. Alguns andavam de um lado para o outro, outros jogavam cartas, outros apenas se sentavam e olhavam para o céu.



Certa manhã, Júlio se sentou ao meu lado enquanto eu olhava para as nuvens.

— Sabe o que eu vejo ali em cima? — ele perguntou.

— Nuvens.

— Não. Vejo a rua onde cresci. Vejo a padaria do Seu Joaquim, onde eu comprava pão com meu pai. Vejo a praça onde eu jogava bola. A gente pode levar o passado para qualquer lugar, Rafael. Ninguém pode tirar isso da gente.

A aula do dia era sempre a mesma. Os agentes chamavam a lista de chamada. Nós respondíamos com um número. "4718" "Presente" "4722" "Presente" Eu era o 4735. Aprendi a responder como um autômato. Meu nome se tornou um número. Minha história, uma ficha. Minha vida, uma data de liberação.

CAPÍTULO 9

A BIBLIOTECA ENTRE AS GRADES



No segundo mês, criei coragem e fui até a biblioteca.

Ela ficava no corredor secundário, próximo à ala administrativa. A porta era de madeira compensada, descascada, com uma placa de metal enferrujada onde se lia: BIBLIOTECA.

Entrei. A sala era minúscula, menor que a minha cela. Mas as estantes de madeira compensada subiam até o teto, abarrotadas de livros. O cheiro de papel velho, mofo e poeira era o perfume mais doce que eu já tinha sentido em meses.

Um homem idoso, de cabelos grisalhos e óculos de arame quebrado na têmpora esquerda, estava sentado atrás de uma mesa de madeira. Ele me olhou com olhos curiosos.

— Boa tarde — disse ele, com uma voz suave. — Você é novo. Não costumo ver caras novas por aqui.

— Boa tarde, senhor — respondi, com respeito. — Me chamam de Rafael.

— Rafael. Bonito nome. Eu sou Nilo. Mas a maioria me chama de Seu Nilo. Sente-se, menino. O que procura?

— Não sei — confessei. — Nunca fui muito de ler.

Seu Nilo riu. Não era uma risada de deboche, mas de compreensão.

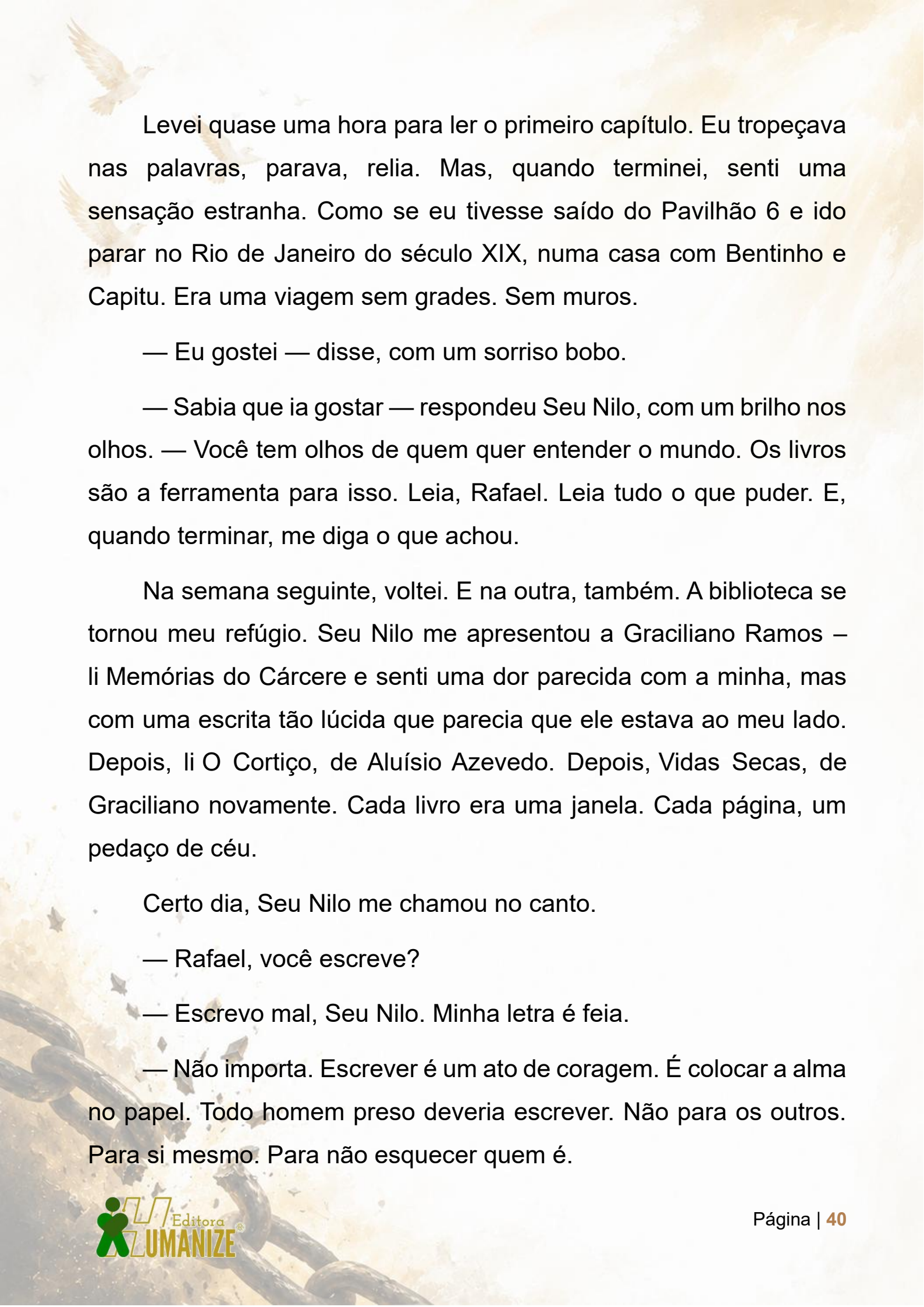
— A maioria dos homens que entra aqui nunca foi de ler. Mas a leitura não é um dom, Rafael. É uma prática. Como andar de bicicleta. No começo, você cai. Depois, você equilibra. E, quando menos espera, está voando.

Ele pegou um livro da estante mais próxima e me entregou. A capa era vermelha, desbotada, com o título em letras douradas: Dom Casmurro, de Machado de Assis.

— Comece com este — disse Seu Nilo. — É uma história de amor, ciúme e dúvida. Mas, acima de tudo, é uma história sobre como a gente vê o mundo com os próprios olhos. E, às vezes, vê o que não existe.

Abri o livro. As páginas eram amareladas, com manchas de umidade. Comecei a ler em voz baixa, soletrando as palavras com dificuldade.

— Leia em voz alta — sugeriu Seu Nilo. — As palavras precisam ocupar o ar. Elas só fazem sentido quando saem da boca.



Levei quase uma hora para ler o primeiro capítulo. Eu tropeçava nas palavras, parava, lia. Mas, quando terminei, senti uma sensação estranha. Como se eu tivesse saído do Pavilhão 6 e ido parar no Rio de Janeiro do século XIX, numa casa com Bentinho e Capitu. Era uma viagem sem grades. Sem muros.

— Eu gostei — disse, com um sorriso bobo.

— Sabia que ia gostar — respondeu Seu Nilo, com um brilho nos olhos. — Você tem olhos de quem quer entender o mundo. Os livros são a ferramenta para isso. Leia, Rafael. Leia tudo o que puder. E, quando terminar, me diga o que achou.

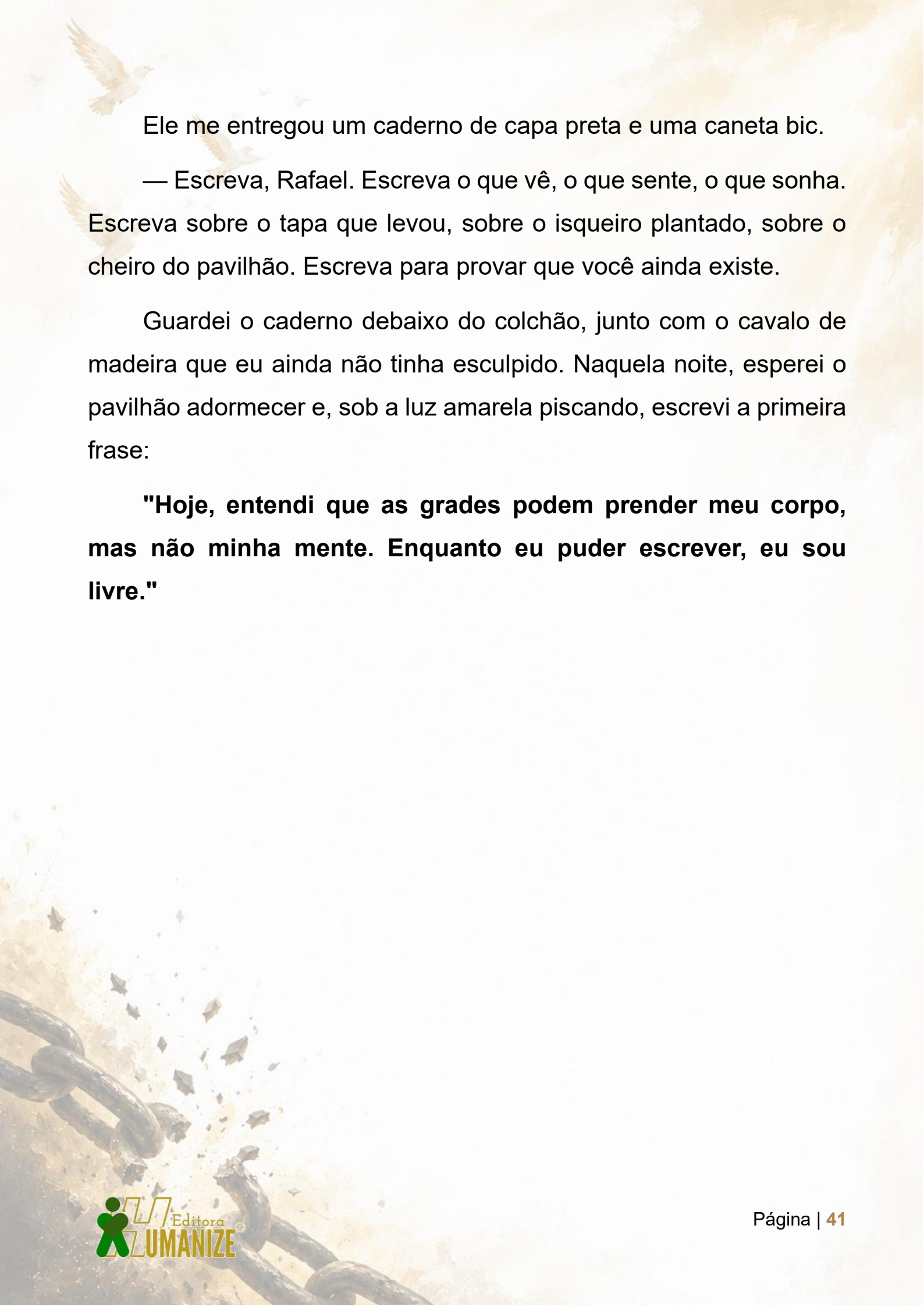
Na semana seguinte, voltei. E na outra, também. A biblioteca se tornou meu refúgio. Seu Nilo me apresentou a Graciliano Ramos – li Memórias do Cárcere e senti uma dor parecida com a minha, mas com uma escrita tão lúcida que parecia que ele estava ao meu lado. Depois, li O Cortiço, de Aluísio Azevedo. Depois, Vidas Secas, de Graciliano novamente. Cada livro era uma janela. Cada página, um pedaço de céu.

Certo dia, Seu Nilo me chamou no canto.

— Rafael, você escreve?

— Escrevo mal, Seu Nilo. Minha letra é feia.

— Não importa. Escrever é um ato de coragem. É colocar a alma no papel. Todo homem preso deveria escrever. Não para os outros. Para si mesmo. Para não esquecer quem é.



Ele me entregou um caderno de capa preta e uma caneta bic.

— Escreva, Rafael. Escreva o que vê, o que sente, o que sonha. Escreva sobre o tapa que levou, sobre o isqueiro plantado, sobre o cheiro do pavilhão. Escreva para provar que você ainda existe.

Guardei o caderno debaixo do colchão, junto com o cavalo de madeira que eu ainda não tinha esculpido. Naquela noite, esperei o pavilhão adormecer e, sob a luz amarela piscando, escrevi a primeira frase:

"Hoje, entendi que as grades podem prender meu corpo, mas não minha mente. Enquanto eu puder escrever, eu sou livre."

CAPÍTULO 10

O JOGO DO SILÊNCIO

O terceiro mês trouxe uma nova lição. O jogo do silêncio.

A vítima era um rapaz de dezenove anos chamado Adriano. Ele fora preso por furto de celular – um crime menor, mas a justiça não perdoava reincidência. Adriano era magro, tímido, com um olhar de cachorro abandonado.

Certo dia, ele esbarrou sem querer no ombro de um dos homens de confiança de Ezequiel, um sujeito grande chamado Jandira. Jandira não disse nada na hora. Mas, no dia seguinte, a sentença foi decretada.

— Ninguém fala com ele — disse Jandira, num tom que não admitia réplica.

Foi assustador ver como a ordem se espalhou. No café da manhã, Adriano se sentou na mesa coletiva e, um por um, os outros se levantaram e foram embora. Ele tentou puxar conversa no pátio, mas as pessoas viravam as costas. Nenhum agente interferiu.

Adriano passou a andar como um fantasma. Ele tentou se aproximar de mim no banho de sol, mas eu, covardemente, desviei o olhar. Não por maldade. Por medo. Se eu falasse com ele, seria o próximo.

Na primeira semana, Adriano ainda sorria, tentando quebrar o gelo.

— Rafael, você tem um cigarro? — tentou uma vez.

— Não fumo — respondi, e virei as costas.

Na segunda semana, ele parou de sorrir.

Na terceira, ele parou de comer.

Vi-o emagrecer dia após dia. O silêncio ao redor dele era tão pesado que eu conseguia ouvi-lo da minha cama – não os sons que ele fazia, mas o som da sua alma se desfazendo.

Uma noite, acordei com um rangido. Não era o beliche. Era o metal.

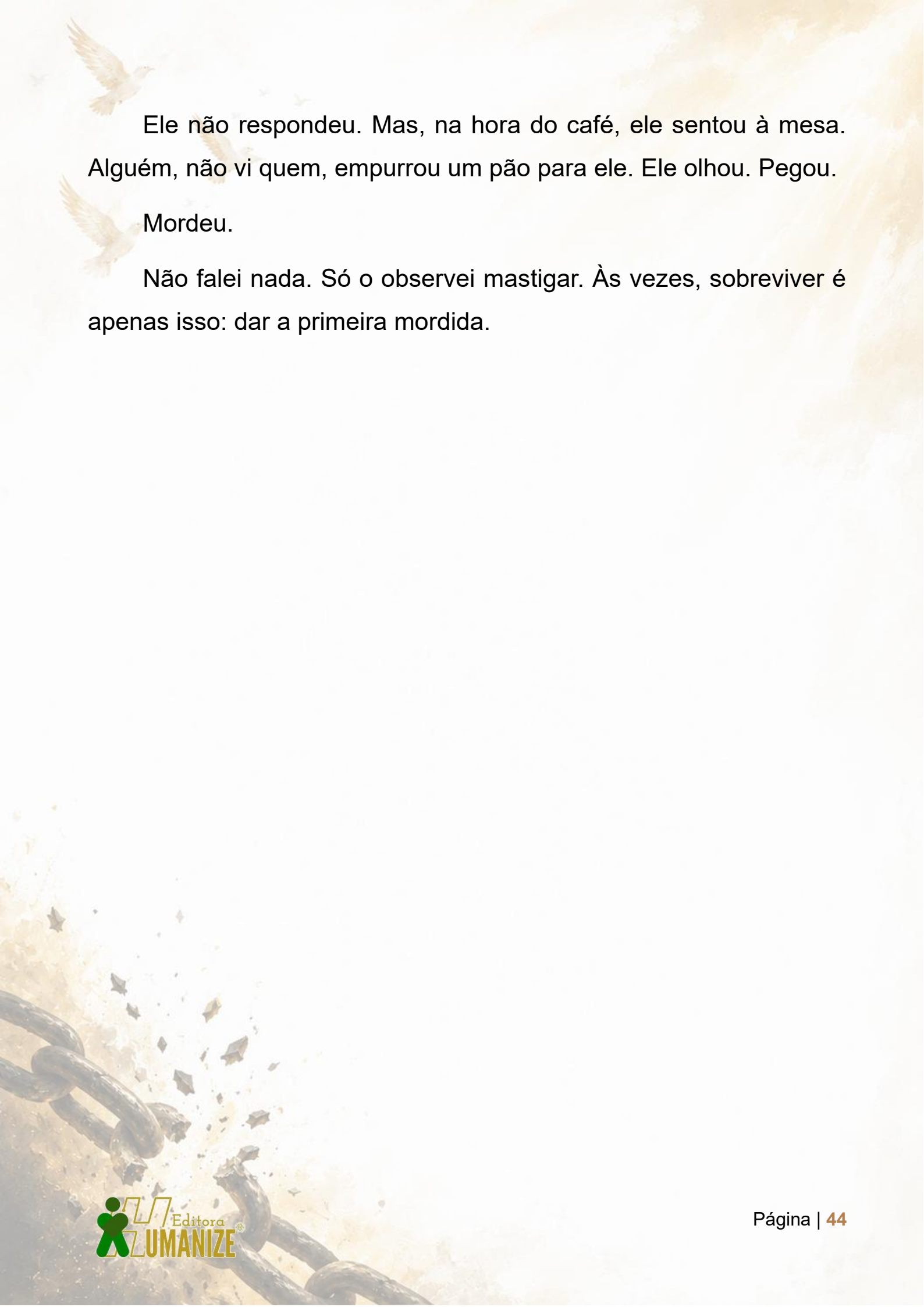
Adriano estava em pé no corredor. A corda da calça enrolada no pescoço, a outra ponta amarrada na viga do beliche superior.

Os olhos vermelhos, mas secos. Levantei. Não pensei. Fui até ele. Minha mão tocou a corda. Ele não resistiu. Abaixei-o lentamente, como quem desce um fardo.

Sentei no chão. Ele sentou ao meu lado. Ficamos em silêncio. O pavilhão roncava. Ninguém viu. Quando o céu clareou, ele falou:

—Por quê?

— Não sei – respondi. — Só não queria ver alguém morrer. Já bastam os que morrem por fora aqui dentro.



Ele não respondeu. Mas, na hora do café, ele sentou à mesa. Alguém, não vi quem, empurrou um pão para ele. Ele olhou. Pegou.

Mordeu.

Não falei nada. Só o observei mastigar. Às vezes, sobreviver é apenas isso: dar a primeira mordida.

CAPÍTULO 11

A POEIRA DA SERRAGEM



No sexto mês, veio a dádiva.

— Rafael, chamaram seu nome para a marcenaria — disse Júlio, chegando com a lista na mão. — Você vai trabalhar fora do pavilhão. É uma boa oportunidade.

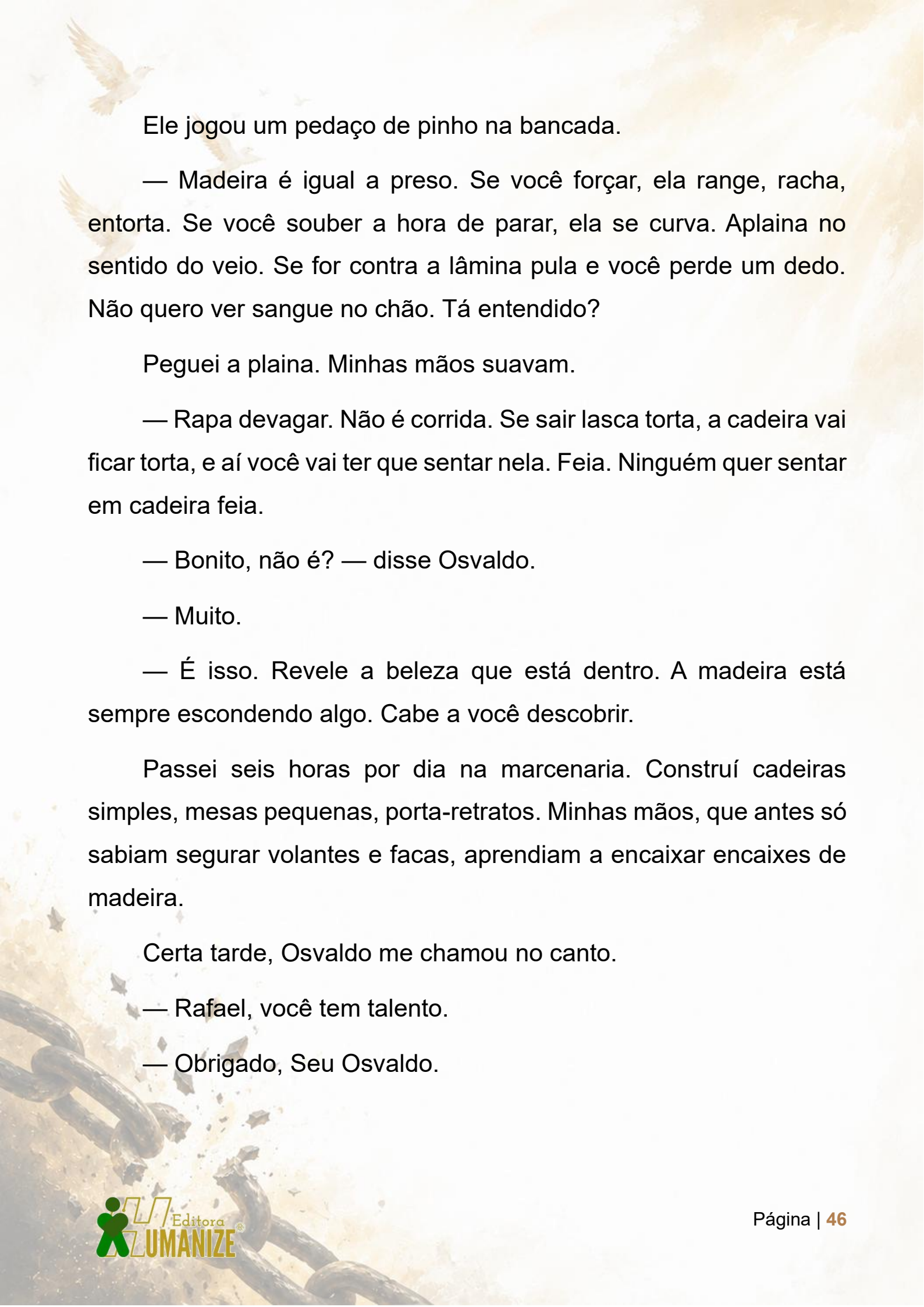
A marcenaria ficava num galpão separado, atrás da cozinha. O cheiro de serragem, cola de madeira e verniz era o antídoto perfeito para o fedor do pavilhão. Pela primeira vez em meses, respirei fundo sem sentir ânsia.

O mestre era um homem livre, contratado pelo presídio. Chamava-se Osvaldo, um senhor de mãos calejadas e jeito manso de falar. Ele não perguntava sobre os crimes de ninguém. Ele só queria saber se a gente sabia segurar uma plaina.

— Senta aí. Já trabalhou com madeira?

— Nunca, senhor.

— Senhor é o juiz. Aqui é Osvaldo.



Ele jogou um pedaço de pinho na bancada.

— Madeira é igual a preso. Se você forçar, ela range, racha, entorta. Se você souber a hora de parar, ela se curva. Aplaina no sentido do veio. Se for contra a lâmina pula e você perde um dedo. Não quero ver sangue no chão. Tá entendido?

Peguei a plaina. Minhas mãos suavam.

— Rapa devagar. Não é corrida. Se sair lasca torta, a cadeira vai ficar torta, e aí você vai ter que sentar nela. Feia. Ninguém quer sentar em cadeira feia.

— Bonito, não é? — disse Osvaldo.

— Muito.

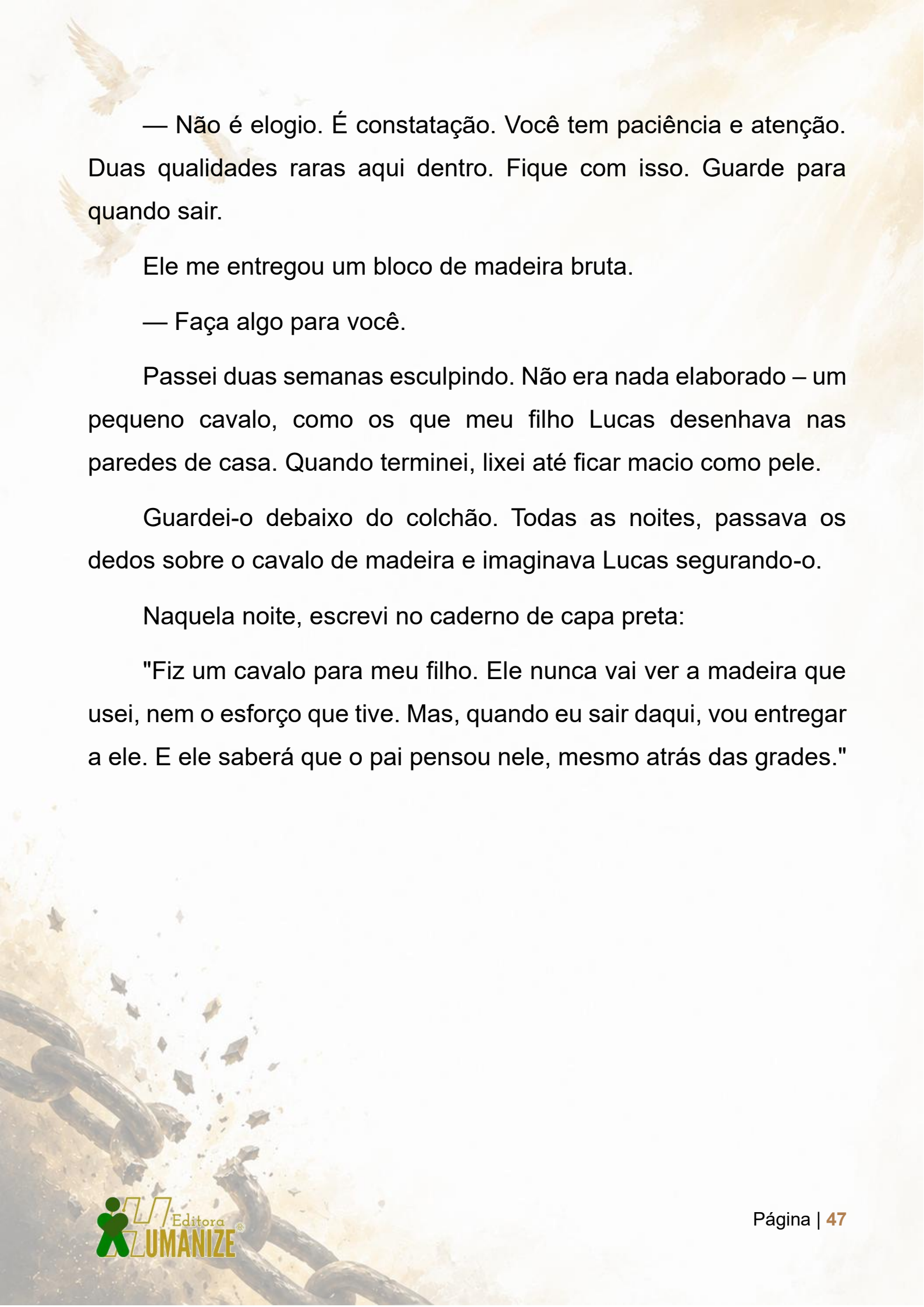
— É isso. Revele a beleza que está dentro. A madeira está sempre escondendo algo. Cabe a você descobrir.

Passei seis horas por dia na marcenaria. Construí cadeiras simples, mesas pequenas, porta-retratos. Minhas mãos, que antes só sabiam segurar volantes e facas, aprendiam a encaixar encaixes de madeira.

Certa tarde, Osvaldo me chamou no canto.

— Rafael, você tem talento.

— Obrigado, Seu Osvaldo.



— Não é elogio. É constatação. Você tem paciência e atenção. Duas qualidades raras aqui dentro. Fique com isso. Guarde para quando sair.

Ele me entregou um bloco de madeira bruta.

— Faça algo para você.

Passei duas semanas esculpindo. Não era nada elaborado – um pequeno cavalo, como os que meu filho Lucas desenhava nas paredes de casa. Quando terminei, lixei até ficar macio como pele.

Guardei-o debaixo do colchão. Todas as noites, passava os dedos sobre o cavalo de madeira e imaginava Lucas segurando-o.

Naquela noite, escrevi no caderno de capa preta:

"Fiz um cavalo para meu filho. Ele nunca vai ver a madeira que usei, nem o esforço que tive. Mas, quando eu sair daqui, vou entregar a ele. E ele saberá que o pai pensou nele, mesmo atrás das grades."

CAPÍTULO 12

A CONSPIRAÇÃO QUE EU DESMONTEI COM PALAVRAS

No segundo ano na marcenaria, aconteceu algo que testou minha inteligência.

Um dia, chegamos e a plaina elétrica, a ferramenta mais cara da oficina, havia sumido. Osvaldo estava preocupado.

— Alguém pegou a plaina — disse ele, com a voz tensa. — Se não aparecer até amanhã, vou ter de suspender o trabalho de todo mundo.

Léo, meu amigo da marcenaria, estava pálido.

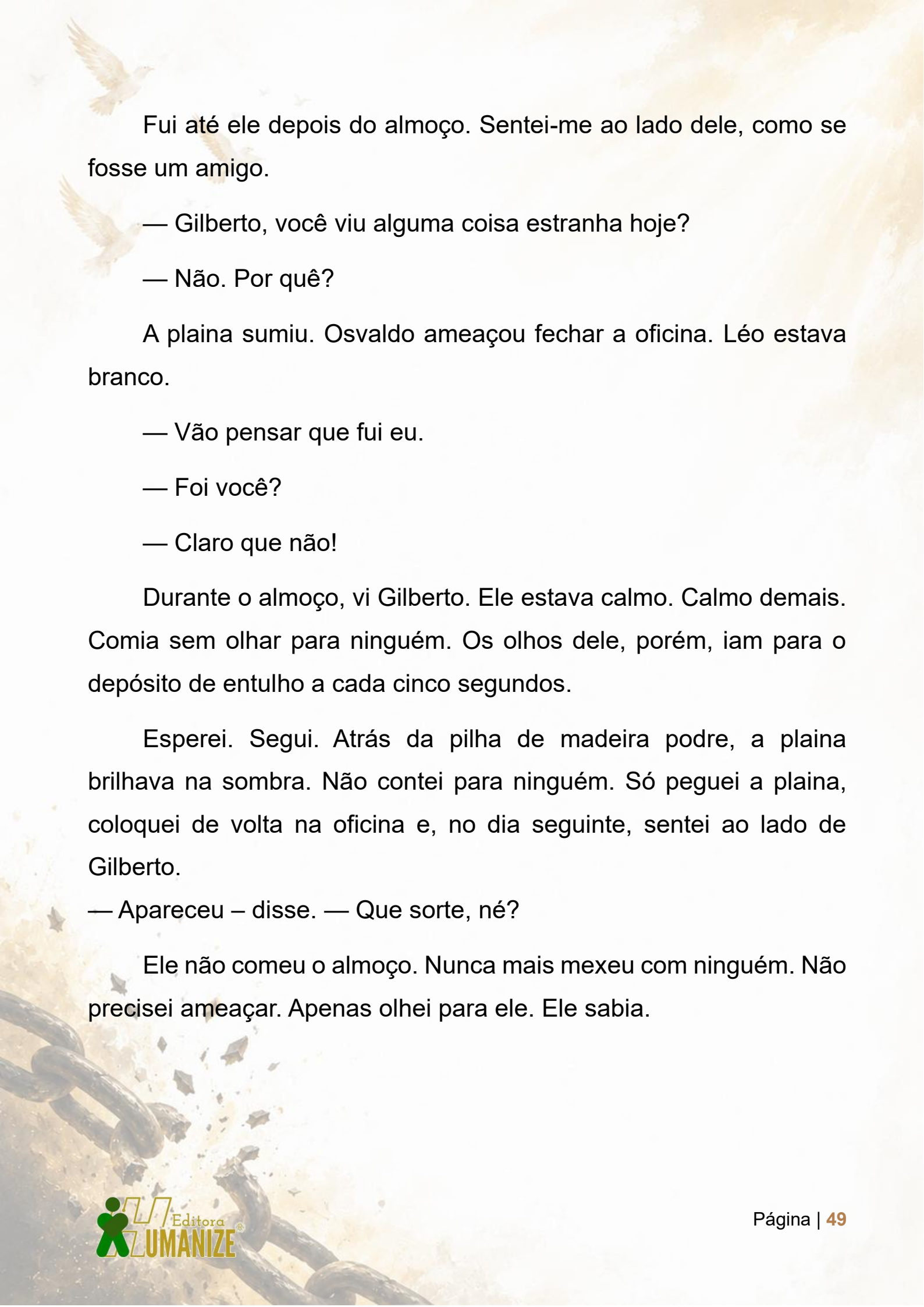
— Rafael, eu estava aqui no turno da manhã. Vão pensar que fui eu.

— E foi você? — perguntei.

— Claro que não! Você me conhece.

Eu conhecia Léo. Ele era tão honesto quanto um homem podia ser numa cadeia.

Comecei a observar. No almoço, um homem chamado Gilberto, que trabalhava no turno da tarde, estava muito calmo. Calmo demais. Enquanto todos falavam sobre a plaina, ele apenas comia em silêncio, com um sorriso discreto nos lábios.



Fui até ele depois do almoço. Sentei-me ao lado dele, como se fosse um amigo.

— Gilberto, você viu alguma coisa estranha hoje?

— Não. Por quê?

A plaina sumiu. Osvaldo ameaçou fechar a oficina. Léo estava branco.

— Vão pensar que fui eu.

— Foi você?

— Claro que não!

Durante o almoço, vi Gilberto. Ele estava calmo. Calmo demais. Comia sem olhar para ninguém. Os olhos dele, porém, iam para o depósito de entulho a cada cinco segundos.

Esperei. Segui. Atrás da pilha de madeira podre, a plaina brilhava na sombra. Não contei para ninguém. Só peguei a plaina, coloquei de volta na oficina e, no dia seguinte, sentei ao lado de Gilberto.

— Apareceu – disse. — Que sorte, né?

Ele não comeu o almoço. Nunca mais mexeu com ninguém. Não precisei ameaçar. Apenas olhei para ele. Ele sabia.

CAPÍTULO 13

A CARTA QUE MUDOU TUDO

O quinto ano chegou com uma carta.

Minha mãe, cuja letra eu reconheceria entre milhares, escreveu poucas linhas:

"Meu filho,

Lucas entrou na escola. Ele está aprendendo a ler. Quando perguntam sobre o pai, ele aponta para o céu e diz: 'Meu pai é uma estrela que caiu, mas vai voltar.'

Ele fez um desenho para você. É um homem atrás de uma grade, com um sorriso no rosto. Ele pergunta quando você vai voltar. Eu digo que em breve. Saudades. Sua mãe, Lúcia."

Li a carta vinte vezes. A caligrafia trêmula da minha mãe. E, no final, um rabisco a lápis: um homem atrás de uma grade, sorrindo.

Guardei a carta no peito, debaixo da camisa. A noite inteira, fiquei deitado, sentindo o papel contra a pele.

Na manhã seguinte, não chorei. Fui ao pátio. O céu estava limpo. Olhei para cima.

— Eu vou voltar — sussurrei. Não para o céu. Para mim mesmo.



PARTE III

A REDENÇÃO

CAPÍTULO 14

O PORTÃO QUE SE ABRE UM POUCO

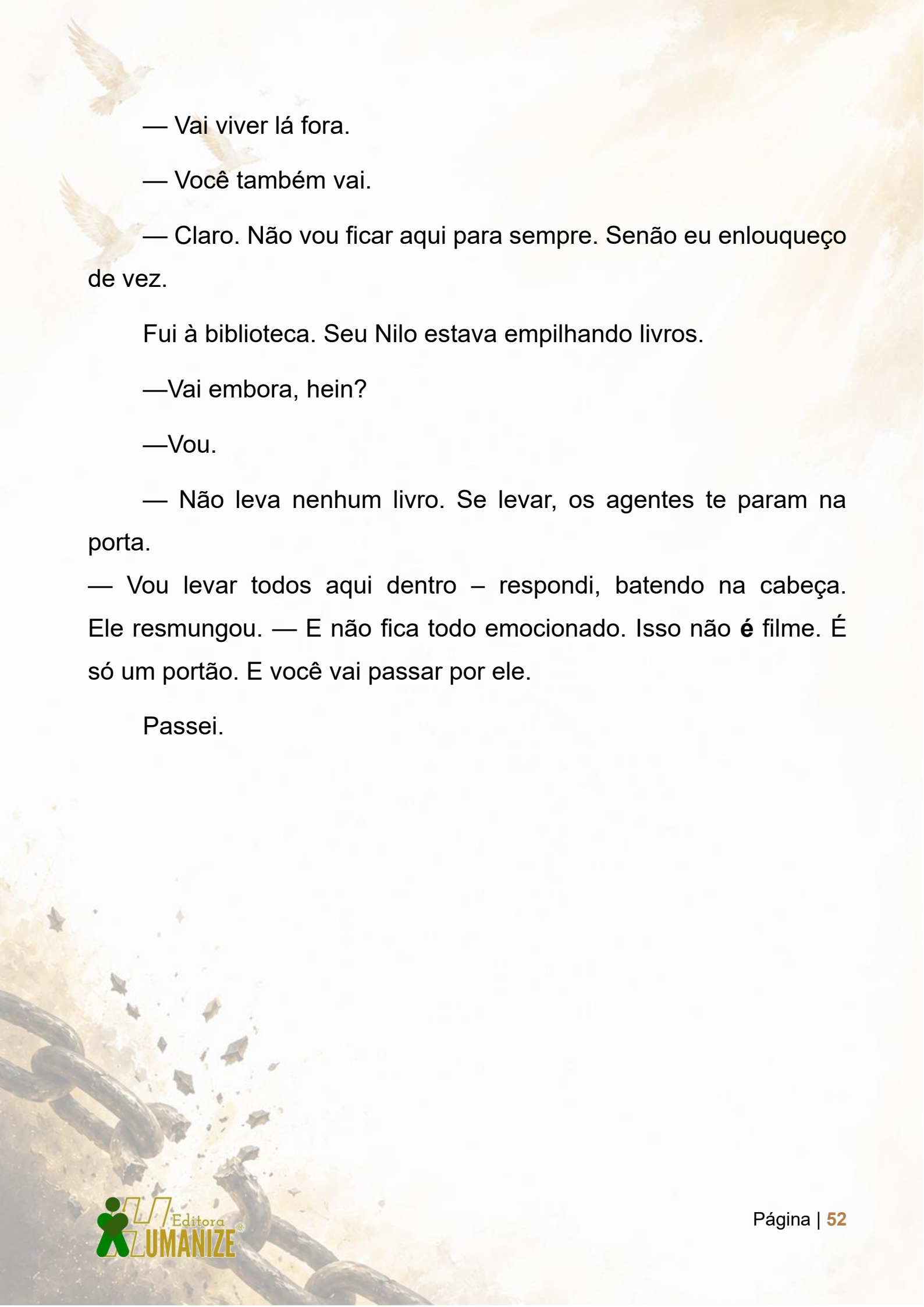
No sexto ano, a progressão para o semiaberto chegou.

— Rafael, sua progressão foi aprovada — disse o agente, sem olhar nos meus olhos. — Amanhã você muda de ala.

Passei a noite em claro. Olhei para o cavalo de madeira. Olhei para o caderno de capa preta. Seis anos de Pavilhão 6. Seis anos de cimento.

Na manhã seguinte, fiz minhas despedidas.

— Você conseguiu, Rafael — disse Júlio, apertando minha mão.



— Vai viver lá fora.

— Você também vai.

— Claro. Não vou ficar aqui para sempre. Senão eu enlouqueço de vez.

Fui à biblioteca. Seu Nilo estava empilhando livros.

—Vai embora, hein?

—Vou.

— Não leva nenhum livro. Se levar, os agentes te param na porta.

— Vou levar todos aqui dentro – respondi, batendo na cabeça. Ele resmungou. — E não fica todo emocionado. Isso não é filme. É só um portão. E você vai passar por ele.

Passei.

CAPÍTULO 15

O SOL NA CARA

O semiaberto cheirava a sabão. Não a desinfetante de cadeia – a sabão de coco, daquele que minha mãe usava.

Cela individual. Colchão de espuma. Uma janela gradeada que deixava entrar um quadrado de sol pela manhã. Sentei na cama e chorei. De alívio.

O trabalho era numa oficina de marcenaria na cidade. Um senhor baixinho, de cabelos brancos e avental de couro, me recebeu na porta.

— Rafael, né? – ele disse, sem estender a mão. — Sou Seu Laerte. Aqui você não é preso. É marceneiro. Se você esquecer isso, eu te mando de volta. Tá entendido?

— Entendido.

— Então pega a plaina.

As mãos voltaram a criar. Cadeiras. Mesas. Prateleiras. Cada objeto era uma prova de que eu ainda existia. Mas no terceiro mês, algo aconteceu que testou tudo o que eu havia aprendido.

Léo e eu trabalhávamos no turno da manhã. Ele estava mais calmo agora, mais confiante. Aos poucos, estava se tornando um bom marceneiro. Mas havia um homem no turno da tarde que não

gostava dele. Chamava-se Gilberto – o mesmo que, anos atrás, havia escondido a plaina elétrica para incriminar Léo.

Eu pensei que a lição tinha sido suficiente. Mas Gilberto guardava rancor.

Tudo começou com um boato. Alguém espalhou que Léo estava roubando pequenos pedaços de madeira da oficina para vender lá fora. A princípio, ninguém acreditou. Mas Gilberto era paciente. Ele sabia que a desconfiança, uma vez plantada, cresce como erva daninha.

Uma manhã, enquanto eu lixava uma prateleira no fundo da oficina, vi Gilberto se aproximar do banco de Léo. Ele estava com as mãos vazias. Mas, quando se afastou, algo caiu no chão perto da mochila de Léo – um pedaço de metal, pequeno, que brilhou por um instante.

Não pensei duas vezes. Levantei, fui até lá e peguei o objeto antes que alguém visse. Era uma lâmina de serra – uma das que usávamos para cortar madeira. Se alguém encontrasse aquilo na mochila de Léo, ele seria acusado de roubo de ferramenta. Voltaria para o Pavilhão 6. E eu sabia o que o esperava lá. Guardei a lâmina no bolso e fui até Gilberto.

— Gilberto, você deixou cair isso — disse, mostrando a lâmina na palma da mão.

Ele empalideceu. — Não sei do que você está falando.

— Claro que sabe. E eu sei também. Eu vi.

Ele tentou manter a calma, mas os olhos dele denunciavam. —
O que você quer?

— Nada. Só quero que você pare. O Léo não fez nada para você.

— Ele ocupa o lugar que deveria ser meu — respondeu Gilberto, com a voz cheia de amargura.

— E você acha que, se ele voltar para o Pavilhão 6, você vai conseguir o lugar dele? Não vai. O Seu Laerte já viu seu trabalho. Ele sabe que você é bom, mas também sabe que você não confia em ninguém. Não é o Léo que te segura, Gilberto. É você mesmo.

Ele ficou em silêncio. Por um momento, achei que fosse me agredir. Mas não. Ele apenas baixou a cabeça.

— O que você vai fazer? — perguntou.

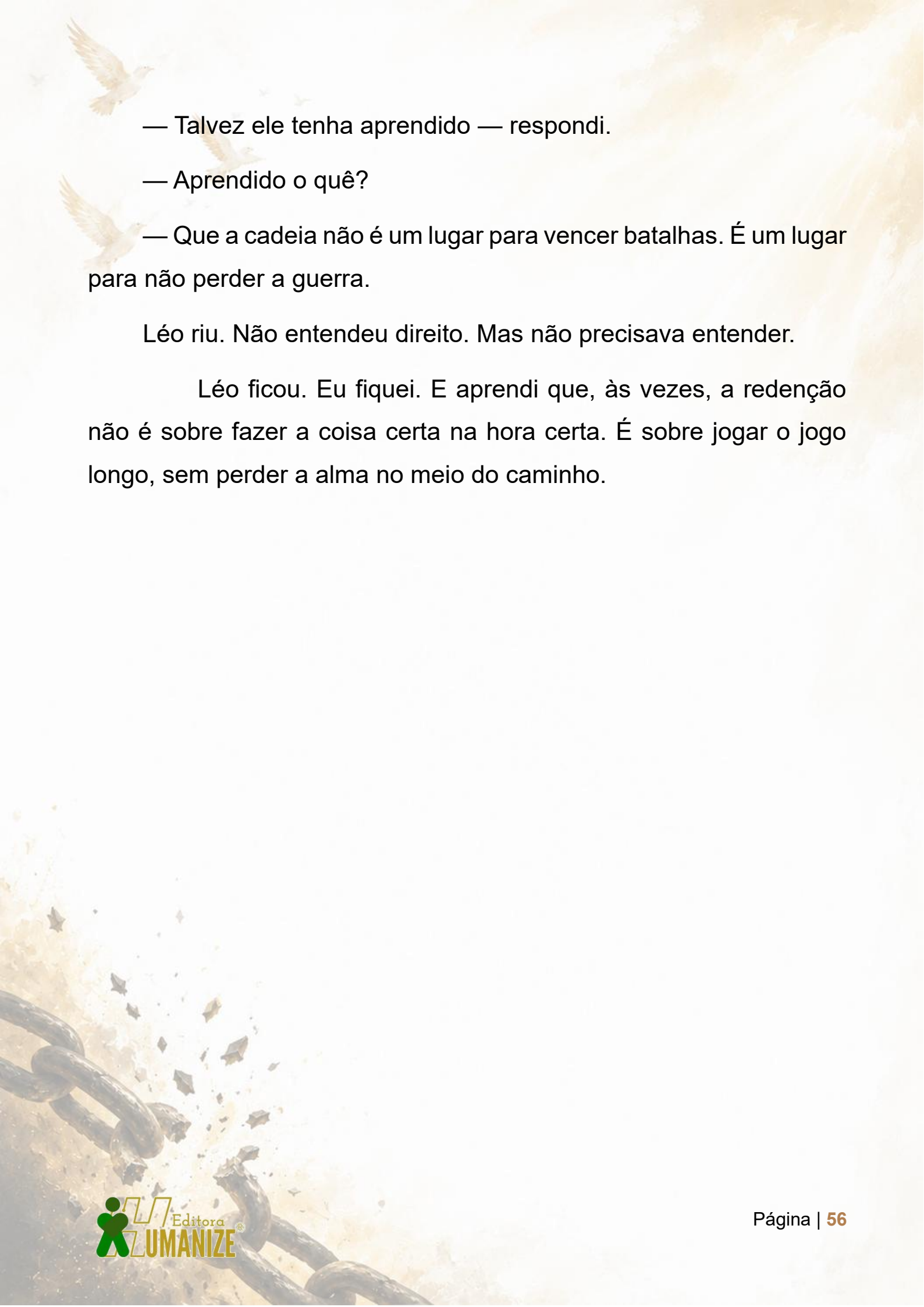
— Nada. Se você parar. Mas, se tentar de novo, vou contar para todo mundo. E não vou contar para o Seu Laerte, Gilberto. Vou contar para os outros presos. Você sabe o que acontece com quem arma contra os companheiros.

Ele engoliu em seco. — Entendi.

— Bom. Então fica em paz.

Nunca mais Gilberto mexeu com o Léo.

Léo nunca soube o que aconteceu. Alguns dias depois, ele me perguntou por que Gilberto tinha ficado tão quieto ultimamente.



— Talvez ele tenha aprendido — respondi.

— Aprendido o quê?

— Que a cadeia não é um lugar para vencer batalhas. É um lugar para não perder a guerra.

Léo riu. Não entendeu direito. Mas não precisava entender.

Léo ficou. Eu fiquei. E aprendi que, às vezes, a redenção não é sobre fazer a coisa certa na hora certa. É sobre jogar o jogo longo, sem perder a alma no meio do caminho.

CAPÍTULO 16

O ABRAÇO QUE DESMANCHOU OS ANOS

No semiaberto, as visitas eram presenciais – sem vidro, sem telefone.

A primeira visita da minha mãe foi um choque. Ela estava mais velha, os cabelos completamente brancos, as mãos tortas. Ela me abraçou, e eu senti o cheiro do sabão em barra.

— Filho, você está diferente. Seus olhos estão mais leves.

— Estou tentando, mãe.

— Eu sei. Sempre soube.

O verdadeiro teste veio um mês depois. Minha mãe chegou com um menino de oito anos – Lucas.

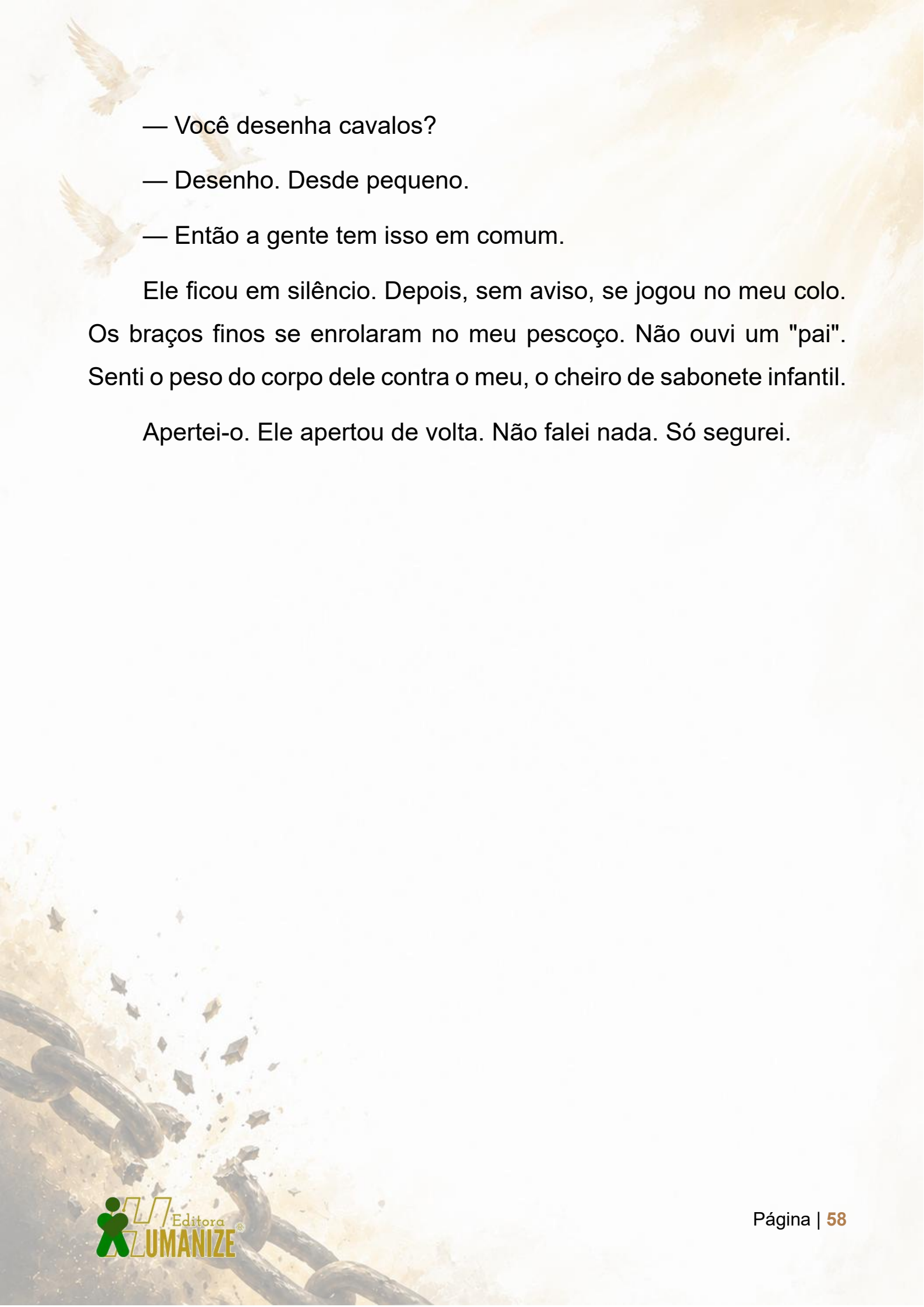
Lucas me encarou do outro lado da sala. Oito anos. Oito anos de ausência condensados num olhar de menino. Ele tirou do bolso o cavalo de madeira – o que eu esculpi. As pernas tortas. O pescoço grosso.

— Você fez isso? – a voz era fina, mas firme.

— Fiz.

Ele segurou o cavalo. Comparou com o meu rosto.

— É parecido com o que eu desenho.



— Você desenha cavalos?

— Desenho. Desde pequeno.

— Então a gente tem isso em comum.

Ele ficou em silêncio. Depois, sem aviso, se jogou no meu colo. Os braços finos se enrolaram no meu pescoço. Não ouvi um "pai". Senti o peso do corpo dele contra o meu, o cheiro de sabonete infantil.

Apertei-o. Ele apertou de volta. Não falei nada. Só segurei.

CAPÍTULO 17

A GRADE QUE RANGEU PARA FORA

A soltura definitiva veio no oitavo ano.

O juiz concedeu o livramento condicional. Não esperava. Tinha planejado cumprir os catorzes inteiros. Mas os relatórios da marcenaria, as cartas de Seu Laerte e meu comportamento no semiaberto pesaram a favor.

A manhã da soltura foi de um azul intenso.

Devolveram meus pertences – uma carteira vazia, a foto da minha mãe e o caderno de capa preta. O cavalo de madeira eu guardava comigo.

O portão principal rangeu. O mesmo som de oito anos atrás. Mas eu não estava entrando. Estava saindo. Pisei na calçada. O sol bateu no meu rosto. As pessoas andavam apressadas. Carros buzonavam. Um cachorro latia ao longe. O caos da vida livre.

Parei. Respirei fundo. Senti o ar entrando nos pulmões sem cheiro de mofo.

Um homem passou e esbarrou em mim. — Sai da frente, cara. Eu me desculpei. Sorri. Ele não entendeu por que eu estava sorrindo. Não precisei olhar para trás. Eu sabia que o portão estava lá. Mas o som do mundo lá fora era mais alto.

CAPÍTULO 18

O CARPINTEIRO DE HOMENS

Dez anos depois, tenho uma marcenaria própria – "Rafael & Filho". Lucas, agora com dezenove, trabalha comigo nas férias. Mas a redenção não terminou com minha liberdade. Um dia, o diretor me chamou. Autorizou que eu desse aulas de marcenaria no Pavilhão 6.

Entrei. O cheiro me atingiu como uma onda. Mofo, suor, cigarro de palha. Os beliches ainda rangiam. Os olhos ainda me observavam. Subi na plataforma.

— Meu nome é Rafael. Passei oito anos aqui.

Levei tapa, fui humilhado. Mas sobrevivi. Não por ser mais forte. Porque encontrei uma plaina e uma razão. Peguei a madeira.

— Vamos fazer uma cadeira. Não é uma cadeira. É um ato de dignidade.

Alguns riram. Outros desistiram. Mas um rapaz, chamado Paulo, ficou. Ele era magro, com os olhos de quem já viu o fundo.

Na última aula, ele me mostrou a cadeira. As pernas retas. Os encaixes justos. A madeira lixada até ficar macia.

Olhei para ele. — Ficou boa.

— É a primeira coisa boa que faço na vida – disse ele, com a voz trêmula.



Não chorei. Apenas coloquei a mão no ombro dele.

— Não será a última.



EPÍLOGO

O HOMEM QUE SOBROU

O café está na mesa. A madeira da cadeira range quando eu me sento. É o mesmo rangido do portão, mas aqui ele é um rangido de casa, não de cadeia.

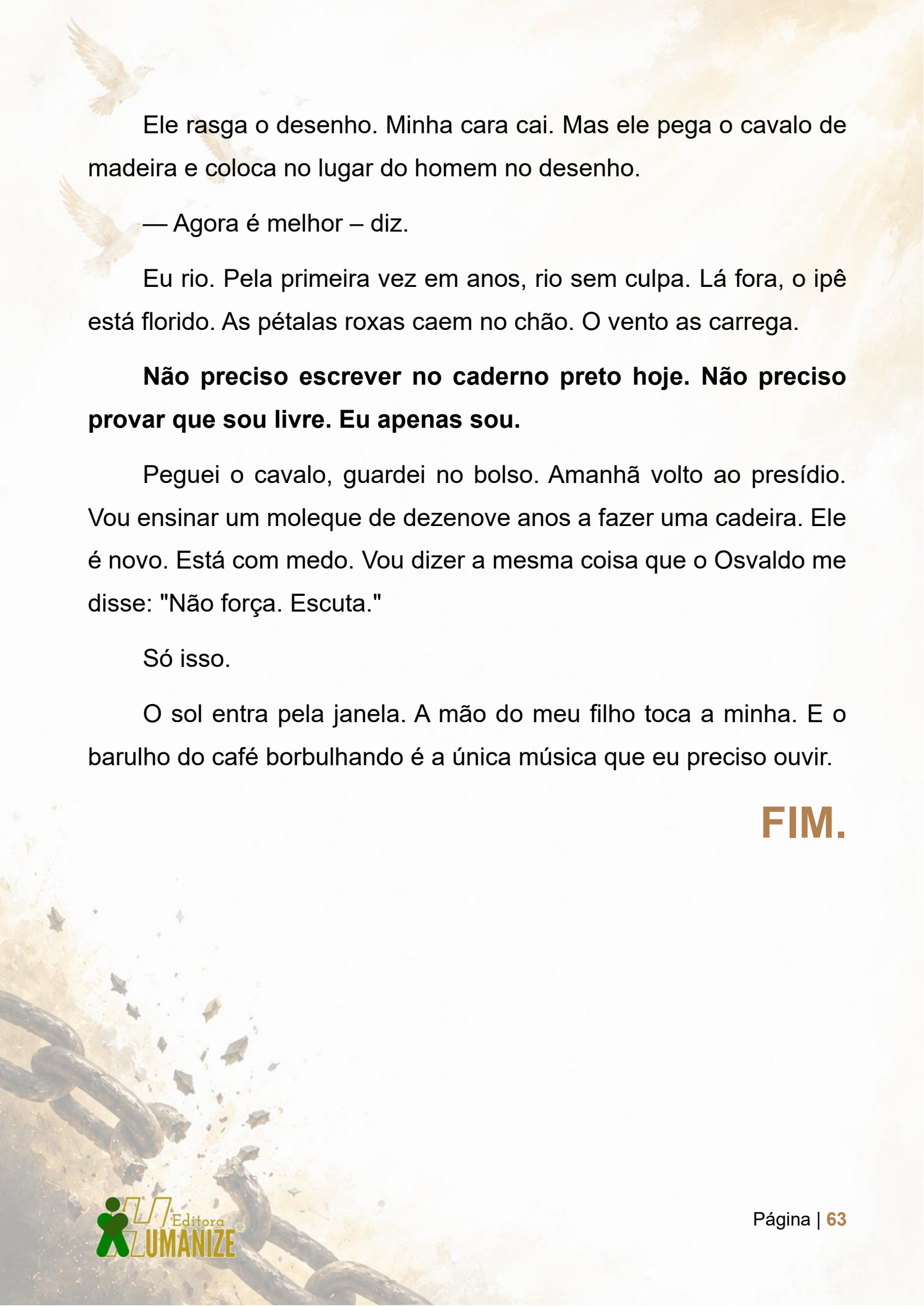
Lucas desenha no caderno. Ele nem olha pra mim.
— Pai, esse cavalo que você fez... ele parece triste.

Olho para estante. As pernas são tortas. O pescoço é grosso. É feio. Mas é meu.

— Não é triste. É paciente. Ficou oito anos me esperando. Lucas levanta o desenho. Ele fez um homem e um menino. Os dois estão sentados, sem grades, sem muros. Apenas olhando para o horizonte.

— É a gente?

— É a gente – respondo.



Ele rasga o desenho. Minha cara cai. Mas ele pega o cavalo de madeira e coloca no lugar do homem no desenho.

— Agora é melhor – diz.

Eu rio. Pela primeira vez em anos, rio sem culpa. Lá fora, o ipê está florido. As pétalas roxas caem no chão. O vento as carrega.

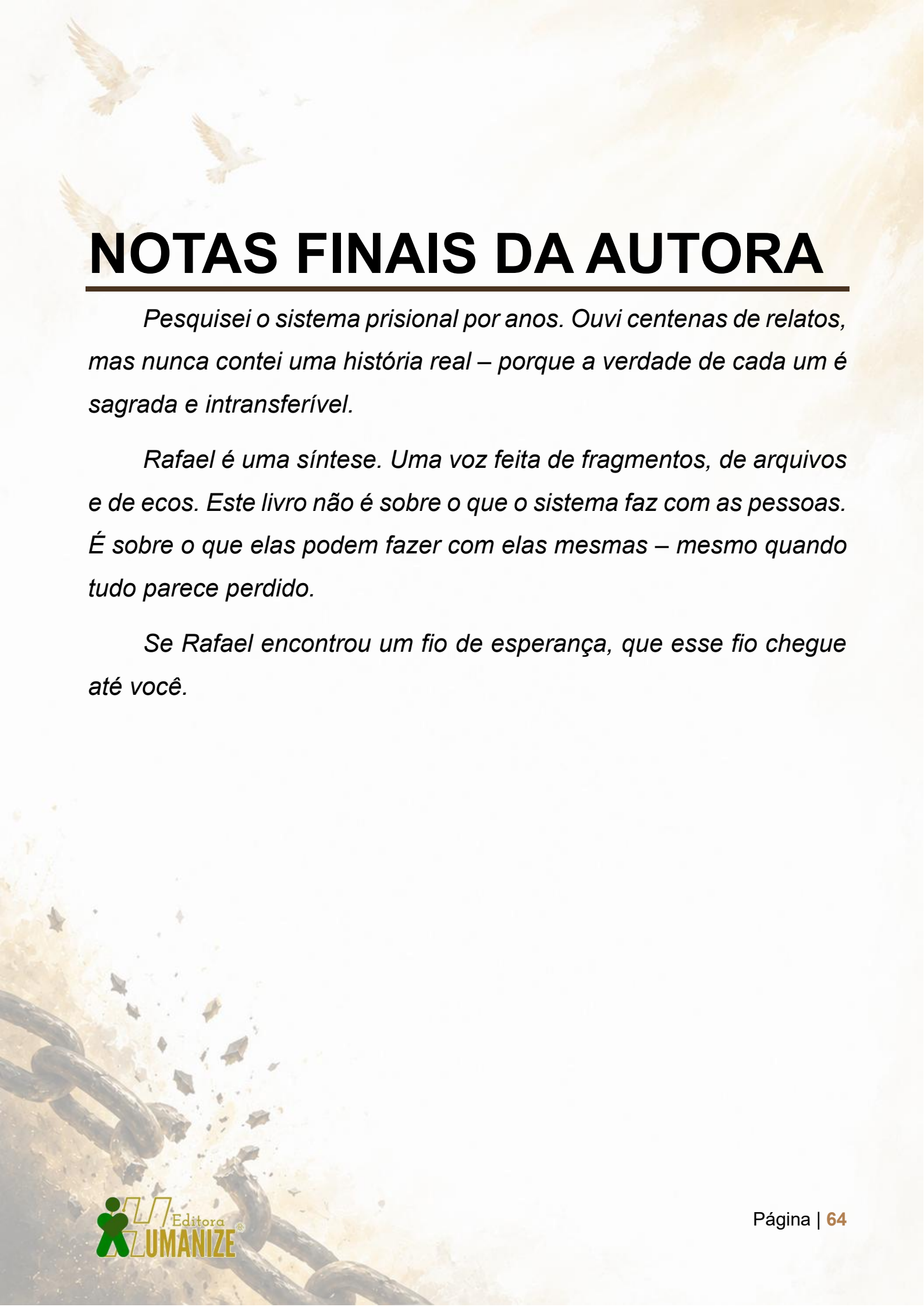
Não preciso escrever no caderno preto hoje. Não preciso provar que sou livre. Eu apenas sou.

Peguei o cavalo, guardei no bolso. Amanhã volto ao presídio. Vou ensinar um moleque de dezenove anos a fazer uma cadeira. Ele é novo. Está com medo. Vou dizer a mesma coisa que o Osvaldo me disse: "Não força. Escuta."

Só isso.

O sol entra pela janela. A mão do meu filho toca a minha. E o barulho do café borbulhando é a única música que eu preciso ouvir.

FIM.



NOTAS FINAIS DA AUTORA

Pesquisei o sistema prisional por anos. Ouvi centenas de relatos, mas nunca contei uma história real – porque a verdade de cada um é sagrada e intransferível.

Rafael é uma síntese. Uma voz feita de fragmentos, de arquivos e de ecos. Este livro não é sobre o que o sistema faz com as pessoas. É sobre o que elas podem fazer com elas mesmas – mesmo quando tudo parece perdido.

Se Rafael encontrou um fio de esperança, que esse fio chegue até você.